



#### CRIAÇÃO E EXECUÇÃO

Agência Batuca

www.agenciabatuca.com.br

#### REDAÇÃO

Secco Consultoria de Comunicação

Contexto Marketing Editorial

#### PROJETO GRÁFICO

Agência Batuca

#### **FOTOGRAFIA**

Divulgação Azimut

Divulgação Chef Ivo Faria

João de Oliveira

Júlio Soares

Sebastião Salgado

#### MATÉRIA DE CAPA

José Carlos Secco

#### CONSELHO EDITORIAL

Fabio Dahlem da Rosa

Mara Regina B. de Lima

Adriana Terres Angar

José Carlos Secco

Fernando Massutti

#### COORDENAÇÃO GERAL

Banco Moneo

Av. Rio Branco, 4993 | Sala 01 | Bairro Ana Rech

Caxias do Sul | RS | CEP: 95060-145

www.bancomoneo.com.br

#### **CONTATO**

bancomoneo@bancomoneo.com.br

# Sumário

#### Nesta Edição

Editorial

06 Palavra do diretor

Banco Moneo

08 Inovação e excelência

Entrevista Especial / Esporte

12 O Brasil vai ganhar a Copa do Mundo

Cultura

22 Sebastião Salgado

Negócios e Mercado

32 Melhoria nos transportes e mudanças culturais

Bebidas

38 Um brinde à cachaça

Economia

46 Veículos escolares e combustíveis alternativos

Gastronomia

50 De Belo Horizonte para o mundo

Tecnologia e Inovações

60 Tecnologia, conforto e design

Viagens

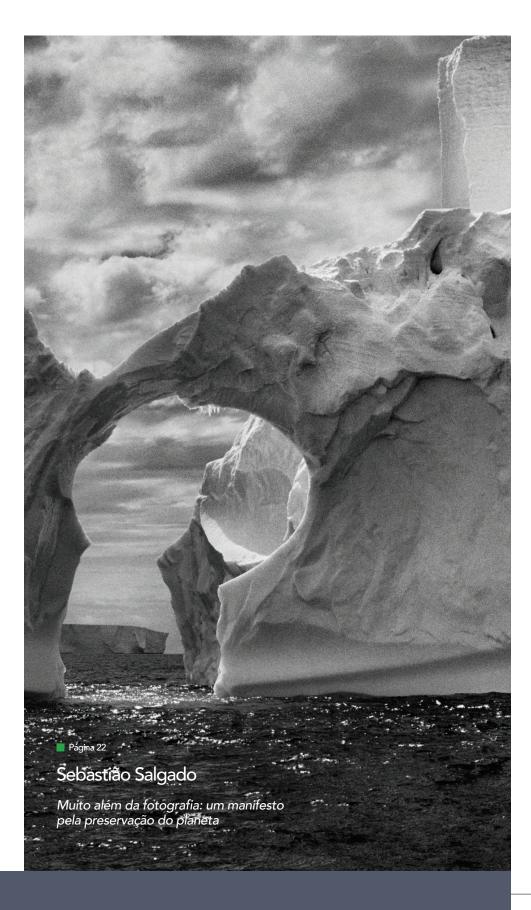
66 Natureza pura e plena

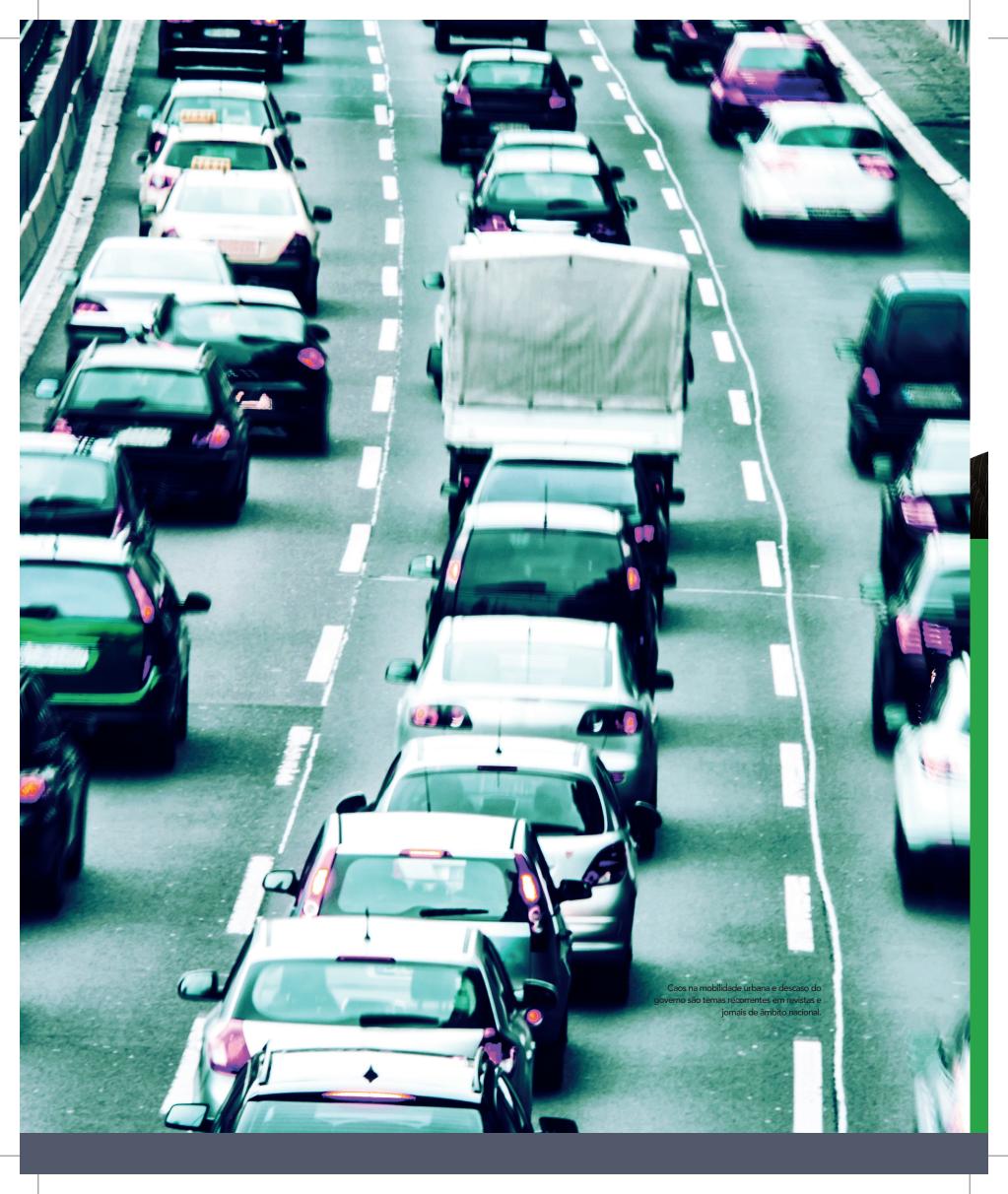
Estilo

74 O acessório perfeito

Indicadores

78 Indicadores Econômicos









Chegamos agora à terceira edição da Moneo Revista. Devo admitir que desenvolver um veículo de comunicação com conteúdo relevante para um público preocupado com questões cruciais em nossa sociedade, como a mobilidade urbana, não é uma tarefa simples. Buscamos aprimorar a revista a cada nova edição, abordando temas relevantes e pontuais, sempre com o objetivo de contribuir efetivamente no debate e na busca de novas soluções para os problemas iminentes em nossa sociedade. Mas, com certeza, o resultado está sendo recompensador.

Um dos assuntos recorrentes em diversas revistas do segmento de transportes e jornais de âmbito nacional é o caos do transporte de cargas e de passageiros em todo o país em contraste com o aparente descaso do governo, tanto a nível federal e estadual quanto municipal. É por isso que se torna necessário debater e avaliar os pontos críticos dessa situação.

O transporte urbano de passageiros tem muitas falhas devido a uma série de fatores. Más condições de estradas, ferrovias e portos, grande número de veículos particulares nas vias, pressão da sociedade para baixar as tarifas e melhorar a qualidade dos serviços e a alta burocracia que envolve todo este processo são falhas que necessitam ser corrigidas – mas isso depende principalmente de atitudes governamentais.

É por isso que a cada dia que passa se torna mais importante realizar debates profundos entre sociedade, governo e empresas do setor de transportes. Ao ler sobre o assunto, conversar com nossos clientes e ouvir suas opiniões, fica claro o desânimo geral. A impressão que fica é que nossos governantes não percebem a urgência e a importância de encontrar uma solução para esses entraves.

Enquanto uma atitude efetiva não é tomada, temos que continuar nossa labuta diária, superando estas dificuldades e criando novas soluções para construir um futuro melhor. É por isso que essa terceira edição tem em sua capa o selo Carbon Free, o que significa que o volume de gases de efeito estufa gerados durante o processo de elaboração da revista será compensado através do plantio de árvores nativas. Afinal, preservar nossos bens naturais é tão importante quanto levar informação de qualidade a nossos leitores.

Vamos em frente e boa leitura.

Fabio Dahlem da Rosa, Diretor Comercial.

# Inovação e excelência

(Flávia Mu)

Essa é a marca da tecnologia bancária no Brasil O Brasil é o país da alegria, do samba, do futebol e do Carnaval. E, quem diria, reconhecido mundialmente pela avançada tecnologia bancária, referência entre as instituições financeiras pela inovação e pela excelência nos serviços oferecidos aos clientes. Ao longo dos últimos anos, a evolução das ferramentas permitiu que praticamente toda a população – independente da classe social – tivesse acesso de qualidade a mais atualizada tecnologia.

Os investimentos dos bancos brasileiros em Tecnologia da Informação (TI) ficam atrás apenas dos Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido, França e Japão. "Na avaliação de especialistas, o atual patamar foi alcançado, essencialmente, com base em equipamentos produzidos no país, o que nivela o Brasil com EUA, Alemanha e Japão, posicionando-o à frente de grande parte da União Europeia e dos demais países da América do Sul", avalia Fabio Dahlem da Rosa, Diretor Comercial do Banco Moneo.

A tecnologia é um alicerce fundamental para a indústria financeira. Em 2013, de acordo com dados da Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN), os gastos em TI foram de 20,1 bilhões de reais, o que representa 9,5% de crescimento em relação ao ano anterior. Tais investimentos correspondem a 15% dos gastos de TI no Brasil.

### A economia e a necessidade de evoluir

A tecnologia do sistema bancário brasileiro foi considerada uma das melhores do mundo numa época em que os índices de inflação encontravam-se elevadíssimos. "Nesta ocasião, os bancos obrigaram-se a investir muito devido às altas taxas inflacionárias, que chegaram a 30% num único mês. Além disso, as constantes trocas e as desvalorizações de moedas neste período faziam com que os bancos encerrassem seus balanços nas sextas-feiras com uma moeda e abrissem na semana seguinte com outra, com diferentes valores", relembra. Naquele momento, as instituições precisavam fazer análises econômicas complexas, exigindo programas especiais para entender todo o cenário. "Atualmente, os bancos brasileiros oferecem a mesma tecnologia de outros mercados, pois, além de uma economia mais estável, contamos com a presença de bancos internacionais atuando no Brasil", reconhece.

A concorrência bancária – inclusive com marcas internacionais – está entre as principais motivações para o desenvolvimento de inovações. "Devido ao acirramento da concorrência entre os bancos, houve um aumento no investimento em TI pelos bancos brasileiros, o que agilizou as transações financeiras e o acesso a produtos e serviços pela população, além de colocar o Brasil no primeiro time de automação bancária mundial", comenta.

# O futuro dos serviços bancários

De acordo com a pesquisa da FEBRABAN, o volume de transações cresceu 78% nos últimos cinco anos, fortemente impulsionado pelo Internet Banking e POS. "A tecnologia bancária tornou os serviços mais acessíveis, ágeis e confiáveis. Como o passar do tempo, o volume e os tipos de transações irão aumentar ainda mais, devido à informatização da população e às facilidades proporcionadas pelo sistema bancário brasileiro. Hoje em dia temos caixas eletrônicos em todos os lugares."

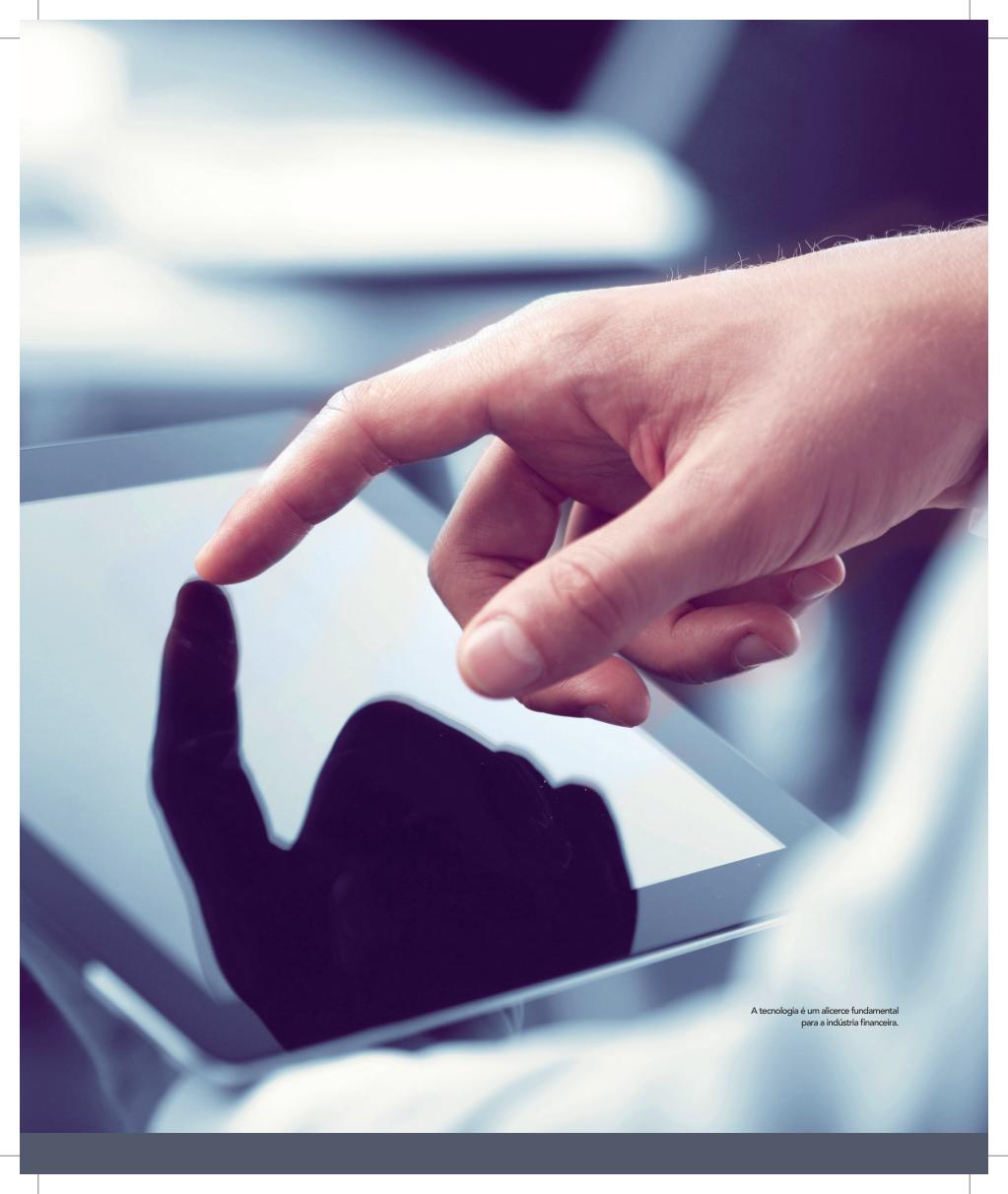
A tendência é que a necessidade de grandes agências seja cada vez menor. "Acredito que o cliente, no futuro, possa realizar todas as suas operações bancárias via internet. E esse número deve crescer, considerando que no Brasil ainda existe um grande número de pessoas sem acesso à web, pois não acreditam ou têm receio de usar os serviços online. Nos países mais desenvolvidos existe uma utilização bem maior", afirma. A questão da segurança, que muitas vezes deixa o usuário em dúvida, está entre os principais cuidados das instituições financeiras. "É algo primordial e se gasta muito com isso. Diariamente, descobrem-se novas formas de burlar os sistemas bancários e, por essa razão, é preciso de um 'contra

veneno' bem mais forte para evitar novos ataques. Os bancos estão constantemente investindo em segurança, pois acreditam no futuro da tecnologia", adverte.

Para Rosa, é possível que os boletos bancários sejam eliminados no futuro. "Tudo será com sistema de débito direto autorizado. Poucos ainda usam cheques, que é uma forma arcaica de realizar pagamentos, e dinheiro só servirá para pequenos gastos", sugere.

#### Nova tecnologia no Banco Moneo

O Banco Moneo possui correntistas, mas por ser um banco de negócios, não trabalha com cartões. Assim, os investimentos feitos em tecnologia estão voltados para agilizar processos, eliminar retrabalho e reduzir custos operacionais. Uma das novidades é o Gerenciamento Eletrônico de Documentos (GED), implementado nos meses de março e abril. "Nosso cliente poderá atualizar toda sua documentação exigida pelo Banco Central de forma eletrônica". Para utilizar a nova tecnologia é simples: basta digitalizar o documento e enviar para o banco, que ficará armazenado para análises futuras. "Assim, não teremos a necessidade de impressão e gastos com Correios, ganhando tempo em todo o processo", comenta Fabio.









# "O Brasil vai ganhar a Copa do Mundo"

Orlando Duarte, jornalista e escritor que acompanhou quase todas as Copas desde 1950 O jornalista, comentarista e escritor Orlando Duarte, 82 anos, presente em 14 das 19 edições de Copas do Mundo, lançou recentemente uma nova obra – seu 34º livro – sobre a competição mais importante do futebol, "Paixão - O Brasil de todos os Mundiais". Nessa entrevista, Duarte conta minúcias sobre as participações brasileiras nas copas e afirma: "Seremos campeões!".

# Moneo Revista - Com toda a sua experiência, conhecimento e vivência, como vê a realização da Copa do Mundo deste ano?

Orlando Duarte - O Brasil vai ganhar a copa. O time joga em casa, tem todos os jogadores atuando no futebol europeu e, por isso, não vai sentir nenhuma dificuldade. A torcida é inteiramente pró-Brasil e os jogadores deverão repetir a mesma disposição que tiveram na Copa das Confederações. Falo isso baseado na minha análise sobre o futebol.

Ganhamos cinco copas, mas nenhuma em casa – Suécia, Chile, México, Estados Unidos e Coreia/Japão. Está na hora de vencer aqui. A copa que poderíamos ganhar perdemos na véspera, no clima de já ganhou. Com o Felipão não tem essa de já ganhou. Outra confiança está no fato de termos Felipão e Parreira, dois consagrados campeões, experientes e exigentes. Alemanha e Argentina são adversários perigosos, mas só. Nem a Espanha, em queda, representa perigo tão grande. A seleção de 2014 é muito boa. Ela pode não ter o mesmo nível técnico da de 1958, a melhor seleção de todos os tempos, quando tivemos 2 craques para cada posição e, além disso, cinco gênios reunidos em campo – Nilton Santos, Didi, Pelé, Garrincha e Zito.

#### MR – Explique melhor como foi essa história de "perdemos na véspera" e "clima de já ganhou".

OD - Em 1950, perdemos de nós mesmos por acharmos que já éramos campeões. Os jornais da véspera já noticiavam "O Brasil é campeão". Ao longo da competição, ganhamos com facilidade de vários times e subestimamos os uruguaios. Tivemos dificuldades contra a Suíça e só precisávamos de um empate na final, mas esquecemos que o futebol é cheio de surpresas. A delegação uruguaia comprou os jornais brasileiros da véspera e colocou em cada um dos quartos dos jogadores para desafiá-los e estimulá-los a vencer o Brasil no dia seguinte. Não deu outra: não fomos campeões. Afinal, havia possibilidade de algo dar errado, tendo o Brasil o melhor time, o artilheiro da copa e mais de 200 mil pessoas na torcida?

Essa é outra história quase igual à derrota na final. Os 200 mil expectadores são outro absurdo histórico. Venderam mais ingressos do que o que comportava o estádio e ainda houve invasão. O resultado foi que quebraram as catracas. Mal dava para ver o jogo. Cada um estava literalmente encostado no outro. E o mais chato, como não tinha espaço para circular, não dava para ir ao banheiro e os torcedores eram obrigados a fazer xixi ali mesmo, uns nos outros.

O próprio Jules Rimet teve problemas para sair da tribuna e ir entregar a taça. Os elevadores estavam trancados. Ele achou que o Brasil era campeão e ficou surpreso com o silêncio, mas entrou em campo para entregar a taça e aí descobriu que havíamos perdido o jogo.







# Paixão - O Brasil de todos os Mundiais

O livro tem 281 páginas e destaca os estádios, as promessas de legado e empregos gerados pelo Mundial do Brasil. A formação do time brasileiro também ganha espaço no livro. Orlando Duarte traz à tona os detalhes das cinco conquistas da seleção brasileira. "A ideia é mostrar historietas resgatadas da memória ou de livros de pesquisadores sérios". As participações de Vavá, Garrincha, Pelé, Tostão, Romário e Ronaldo nas conquistas do Brasil também são abordadas no livro. O duelo contra o Chile na semifinal da Copa de 1962, por exemplo, é contada em detalhes. Autor de 34 livros, dos quais mais de 20 sobre a história e as regras de diversos esportes, Orlando Duarte nasceu em Rancharia (SP), no dia 18 de fevereiro de 1932. Com 31 anos dedicados ao jornal A Gazeta Esportiva e dez à TV Cultura, além de diversas rádios, Duarte também cobriu 10 Jogos Olímpicos. Aos 82 anos, dos quais 60 dedicados à carreira de repórter, o jornalista é uma das principais vozes da história da Copa do Mundo. Ao longo do livro estão espalhadas curiosidades e micro histórias que farão do leitor um especialista em mundiais.





#### Histórias não contadas das participações brasileiras nas Copas do Mundo e curiosidades dos amantes do futebol

Já procuraram muito, acharam muita coisa e publicaram, mas ainda há histórias desconhecidas envolvendo a seleção brasileira nas Copas do Mundo.

# Colar de pérolas para a esposa do Didi

Suécia, 1958 – O craque Didi estava estressado e deprimido. Sua mulher, Guiomar, que ficou no Brasil, escrevia para ele pedindo que voltasse. Dr. Paulo Machado de Carvalho soube do que estava acontecendo e, sem falar com o Didi, ligou para a TV Record e deu a seguinte ordem: "compre uma joia para a esposa do Didi, entregue a ela e diga que foi ele quem mandou".

Seguindo a ordem, foi comprado um colar de pérolas. Quando Guiomar recebeu o presente, ficou agradecida, surpresa, mudou de comportamento e passou a dizer ao Didi: "Ah querido, você se lembrou de mim. Agora precisa ser campeão do mundo e trazer a taça".

O Dr. Paulo foi importante para o futebol, pois estava envolvido diretamente e suas estações Record e Jovem Pan sempre fortaleceram o futebol. Ele cuidava dos mínimos detalhes para o melhor entrosamento e para resolver problemas que atrapalhassem o bom desempenho da seleção brasileira. Em 1962, ele conseguiu que os mesmos dois pilotos da Varig que levaram a delegação à Suécia em 1958 pilotassem o avião para o Chile.

Até quando não foi à Copa, em 1966, ele fortalecia o esporte. Naquele ano, houve uma reunião entre o Havelange, Otávio Frias e outros dirigentes para ver se o Dr. Paulo iria, e a resposta foi que ele não iria, porque não era mais da comissão técnica e nem da CBD. Paulo ficou de lado, sem esboçar nenhuma reação.





#### O corte de Amarildo

Suécia, fase de preparação para a Copa de 1966 – Fui eu quem falou ao jogador Amarildo que ele havia sido cortado.

Eu estava em Gotemborg acompanhando a comissão técnica brasileira e a decisão foi tomada lá, longe de onde estavam os jogadores. Saí de carro em direção a Iridberg e quando cheguei fui conversar com o Amarildo, que estava fazendo fisioterapia no joelho. Ele comentou que iria melhorar rapidamente e jogar na Copa. Foi quando perguntei se ele ainda não havia sido informado que estava cortado. Ele falou "Como?".

Vítima de uma distensão em Estocolmo, onde o Brasil fez dois amistosos, Amarildo foi cortado antes de chegar à Inglaterra.

# A HISTÓRIA DE EDER JORRE HENRIQUE MATTEUCO LUZES DO RINGUE HENRIQUE MATTEUCO ZAGALLO, Um Vencedor Leita Augusto Ermat e Vendertel Berger Esporte Mata! De José Roiz Apaixonado por futebol, Orlando Duarte esteve presente em 14 das 19 edições de Copas do Mundo.

#### Apresentação inédita dos Beatles vetada

Londres, 1966 – O Brasil estava treinando na região de Liverpool para iniciar sua participação na Copa de 66 e veio um senhor inglês, fã da seleção brasileira e empresário de uma banda de quatro rapazes que gostariam de se exibir para os brasileiros, em um show particular na concentração. No entanto, a diretoria declinou o convite. Carlos Nascimento, da comissão técnica da CBD e responsável pela concentração, respondeu prontamente que o time não tinha muito tempo e que precisava se dedicar à preparação.

Esse quarteto de Liverpool que não se apresentou para os brasileiros em 66 era simplesmente os Beatles, considerada a melhor banda de rock do mundo. Na época eles ainda eram desconhecidos, mas poderiam ter sido uma atração para a seleção antes do início dos jogos, dos quais vencemos um, contra a Bulgária, e perdemos dois, contra Hungria e Portugal, em um jogo memorável.

#### A consagração de Ronaldo

Coreia/Japão, 2002 – Antes de formar a seleção, o então técnico Felipão me perguntou se convocaria o Romário. Eu, como observador técnico, comentei que ele era um jogador de muita habilidade, mas que estava passando da idade e precisava de alguém para correr por ele e o servir na frente. Os melhores times do mundo tinham jogadores que se movimentavam muito e ficavam livres, diferente do que aconteceria com a seleção se escalasse o Romário. Criticaram muito quando o Felipão convocou o Ronaldo, mas sua atitude provou estar certa porque fomos campeões e, mais importante, o Ronaldo foi o artilheiro da copa com oito gols.





#### O rei

Pelé foi o único jogador a ser campeão em três Copas do Mundo: 1958, 1962 e 1970. Ele ganhou o primeiro título pela seleção brasileira com 17 anos e 249 dias, tornando-se o mais jovem campeão mundial da história.

#### Maior placar em uma final

Brasil  $5 \times 2$  Suécia, em 1958. Mesmo ano em que a seleção brasileira conquistou sua primeira taça mundial.

#### The flash

O turco Hakan Sukur marcou o gol mais rápido da história das Copas. Em 29 de junho de 2002, quando Turquia e Coreia do Sul disputavam a decisão do bronze, ele abriu o placar com 11 segundos de jogo. O certame terminou em 3 x 2 para sua seleção.

#### Tento milenar

O holandês Rob Rensenbrink marcou o milésimo gol dos Mundiais, na derrota para a Escócia por 3 x 2, em 1978. Nos Estados Unidos, em 1994, Cláudio Caniggia fez o gol número 1.500, em uma vitória argentina sobre a Nigéria por 2 x 1.

### Canários artilheiros e vencedores

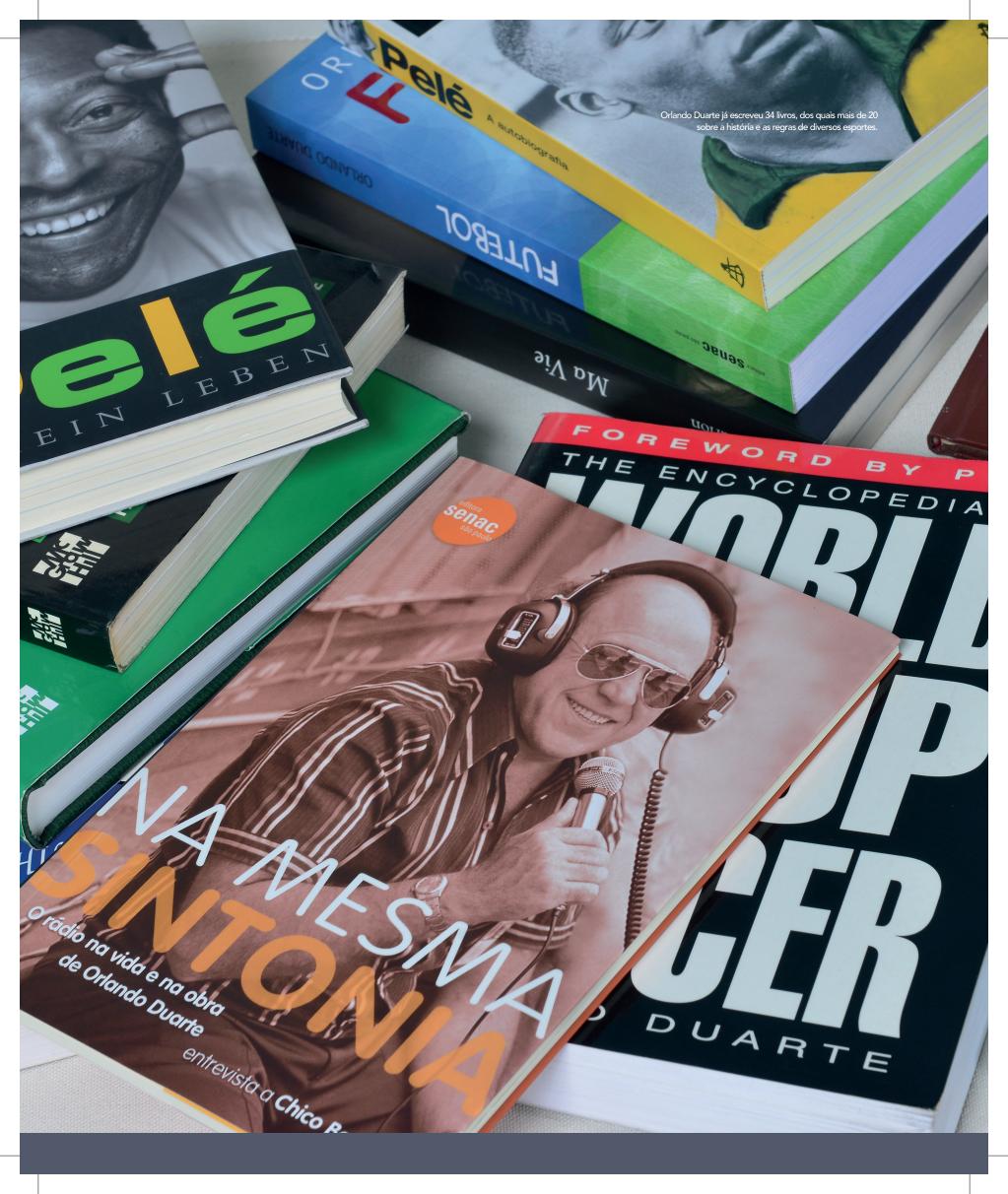
O Brasil é a seleção que mais marcou gols em Copas do Mundo: foram 210. E também a que mais venceu: foram 64 triunfos, 11 dos quais consecutivos (sete em 2002 e quatro em 2006), registrando a maior sequência de vitórias da história das Copas. Talvez isso explique o porquê de termos cinco títulos.

#### Senhor Copa do Mundo

O alemão Lothar Matthäus é o jogador que mais partidas disputou: foram 25 em cinco Copas (1982, 1986, 1990, 1994 e 1998). O italiano Paolo Maldini chegou bem perto da marca, soma 23 em quatro edições. Matthäus, juntamente com o goleiro mexicano Carbajal, foi o único a disputar cinco Copas do Mundo. Confira os jogadores com mais partidas: Matthäus (Alemanha) marcou presença em 25 jogos; Paolo Maldini (Itália), em 23 jogos; e Uwe Seeler (Alemanha), Wladyslaw Zmuda (Polônia) e Maradona (Argentina), em 21 jogos.

#### É tetra! Em participações...

Cinco brasileiros já disputaram quatro Copas do Mundo: Castilho (1950, 1954, 1958 e 1962), Nilton Santos (1950, 1954, 1958 e 1962), Djalma Santos (1954, 1958, 1962 e 1966), Pelé (1958, 1962, 1966 e 1970) e Emerson Leão (1970, 1974, 1978 e 1986).



# Sebastião Salgado

(Flávia Mu)

# Muito além da fotografia: um manifesto pela preservação do planeta

A fotografia é o retrato da realidade, inclusive de suas imperfeições. Numa combinação dramática da beleza estética e da crítica social, a obra do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado tornou-se mundialmente reconhecida e admirada. Atualmente, é considerado um dos mais importantes e respeitados fotógrafos contemporâneos. Em suas fotos em preto e branco, retrata temas ligados às questões sociais, como o trabalho, a infância e a guerra. "Todas as minhas fotos correspondem a momentos intensamente vividos por mim. Todas elas existem porque a minha vida me levou até elas. Porque dentro de mim havia uma raiva que me levou àquele lugar. Às vezes fui guiado por uma ideologia, outras, simplesmente pela curiosidade ou pela vontade de estar em dado local. Minha fotografia não é nada objetiva. Como todos os fotógrafos, fotografo em função de mim mesmo, daquilo que me passa pela cabeça, daquilo que estou vivendo e pensando", diz Sebastião Salgado na autobiografia "Da Minha Terra à Terra"

Sebastião Salgado já conquistou praticamente todos os prêmios de fotografia do mundo. Em 1994, fundou a própria agência de notícias, "As Imagens da Amazônia". Organizações humanitárias, como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), a Organização Mundial da Saúde (OMS), a ONG Médicos sem Fronteiras e a Anistia Internacional, têm sido beneficiadas pelo trabalho do fotógrafo e ativista.

Sebastião já rodou o mundo em busca de representações da vida comum e, especialmente, de suas dificuldades. Entre suas obras estão "Outras Américas", que trata das condições de vida precárias na América Latina; "Trabalhadores", que faz um registro da rotina de operários; e "Terra", em que retrata as condições de vida dos trabalhadores rurais semterra do Brasil. Em 2013, depois de oito anos de reportagens, o celebrado "Projeto Gênesis" ganhou livro e exposição. Essa é uma exploração fotográfica por lugares distantes e "escondidos", onde a harmonia marca a relação do homem e da natureza. É, além disso, uma mudança na vida e no foco das lentes do artista.









#### Um retorno às origens

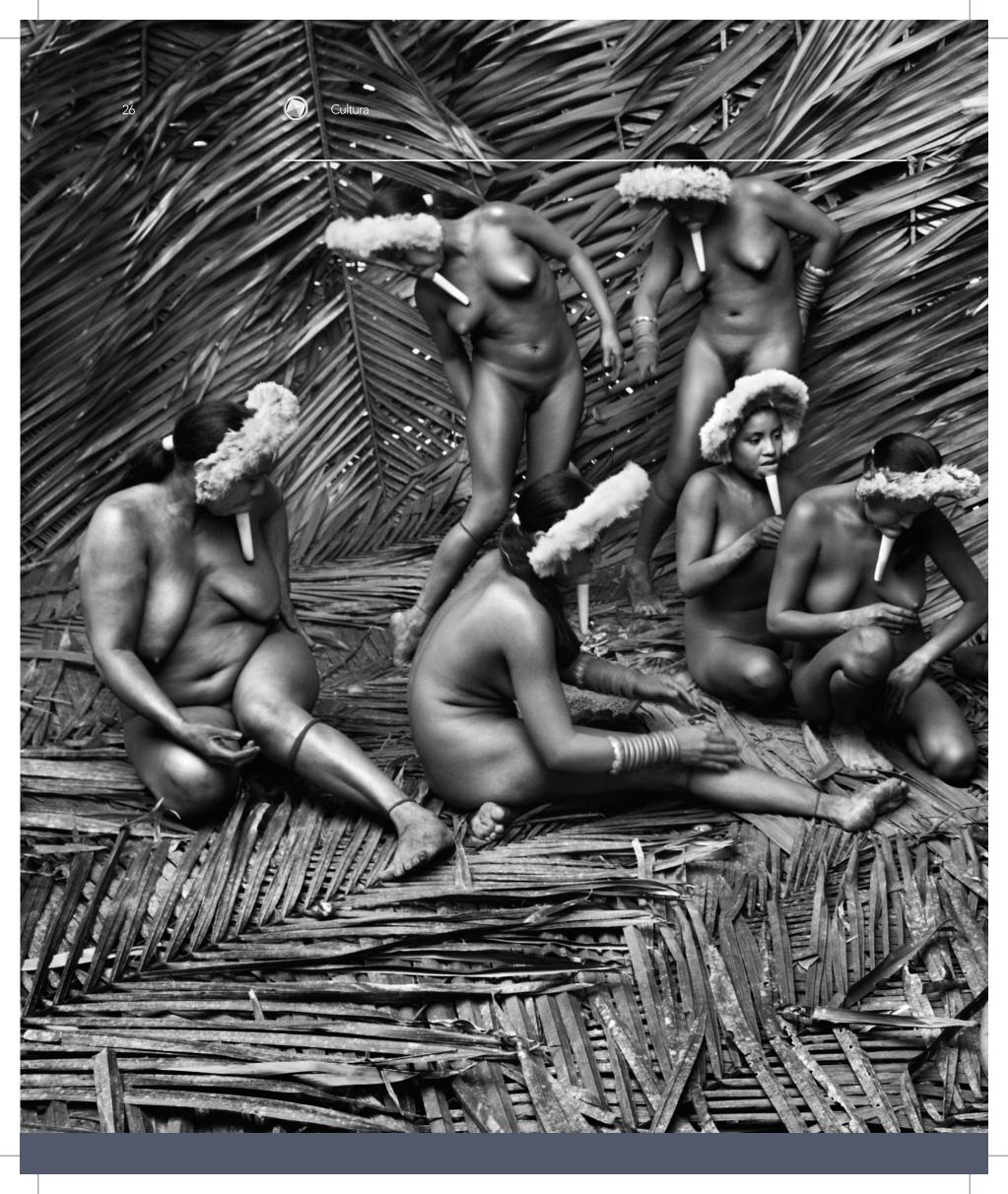
Sebastião Salgado nasceu em 8 de fevereiro de 1944, na Vila de Conceição do Capim, distrito de Aimorés, no interior de Minas Gerais. Rodeado por vegetação e animais diversos, aquele era seu paraíso.

Na adolescência, precisou deixar o lugar e migrar para uma cidade maior, onde completou os estudos, fez faculdade e mestrado em Economia. Neste momento, o Brasil estava em pleno desenvolvimento industrial e econômico. A política surgiu em sua vida, filiou-se a partidos de esquerda e tomou-se ativista.

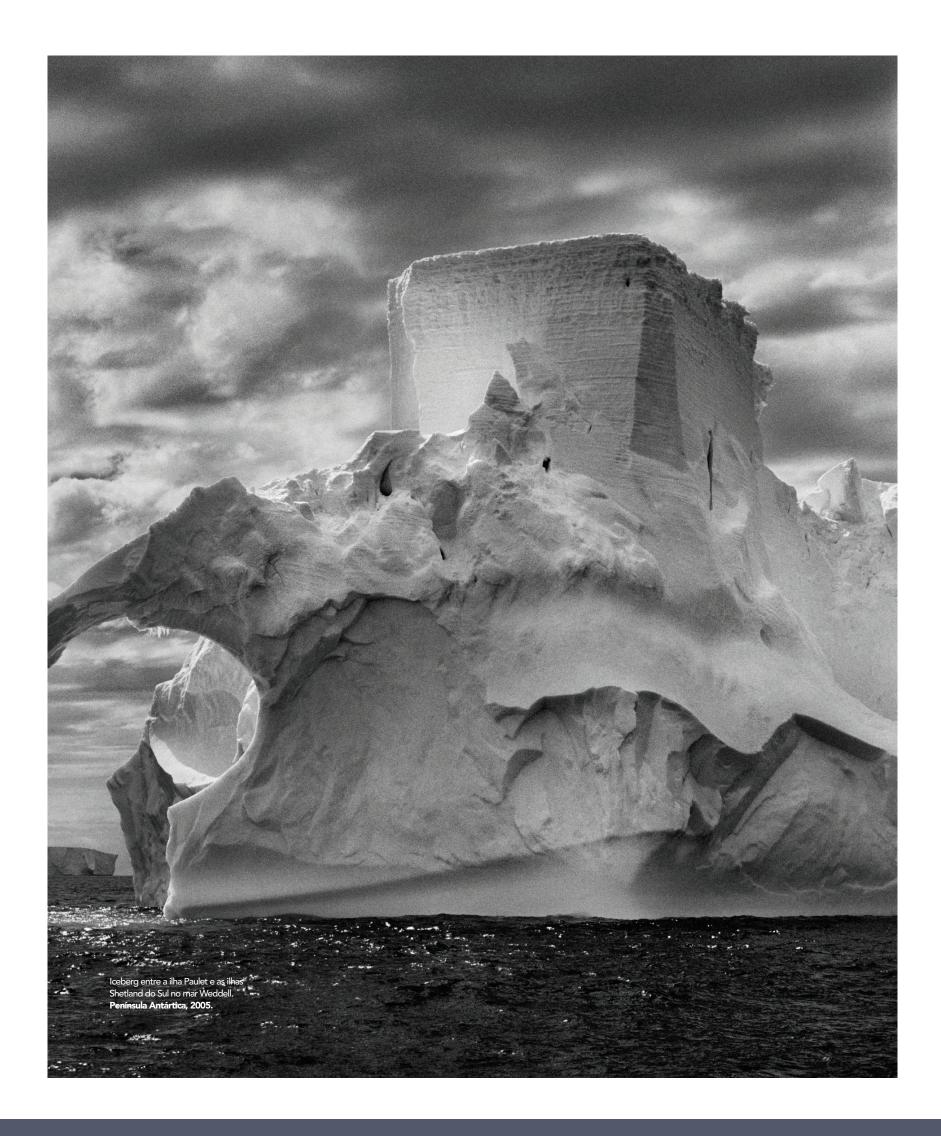
Durante a ditadura, Sebastião Salgado foi para a França buscar asilo político ao lado da esposa, Lélia Wanick Salgado. Fez doutorado em Economia e Lélia formou-se em Arquitetura. Por anos, trabalhou para um banco de investimentos, fez muitas viagens e atuou em projetos de desenvolvimento financeiro e econômico na África com o Banco Mundial. Então, a fotografia passou a fazer parte de sua vida: abandonou tudo o que fazia para ser fotógrafo.

Nos anos 1990, viveu por longas temporadas em áreas de conflitos, como Ruanda, onde registrou todas as situações de miséria e violência do país africano.

"Perdi minha fé em nossa espécie. Não acreditava que fosse possível para nós viver muito mais". Ficou à beira de uma depressão, sentindo-se doente no meio de tanta brutalidade e mortes. E o médico lhe disse: "Sebastião, você não está doente. O que aconteceu é que você viu tantas mortes que você está morrendo. Você tem que parar, do contrário estará morto", revela na palestra do TED intitulada "The silent drama of photography", ou "o silencioso drama da fotografia", em português.









Foi por isso que decidiu voltar para onde nasceu. E a terra estava tão morta quanto ele: a área, antes constituída por 50% de floresta tropical, estava devastada. A partir disso, o fotógrafo e sua esposa decidiram que era preciso fazer algo para recuperar o tal paraíso de sua infância: criaram o Instituto Terra, organização que trabalha na retomada de ecossistemas na região do Vale do Rio Doce. Reconstruíram a terra e a vontade de Sebastião Salgado de fotografar. Desta vez, animais, paisagens e também seres humanos, mas só aqueles que vivem em equilíbrio com a natureza.

A trajetória do fotógrafo e sua fotografia, hoje, estão muito além da arte: são focadas na preservação ambiental. Em Gênesis, a realidade dolorosa de um mundo desigual dá lugar à apresentação de um planeta ainda intocado.

#### Gênesis, a exposição

A jornada para a composição de Gênesis teve início em 2004 e encerrou-se em 2012. Salgado fez 30 viagens utilizando aviões de pequeno porte, helicópteros, barcos e canoas para atingir os pontos mais remotos do planeta. A inauguração da exposição aconteceu no Museu de História Natural de Londres. Em Porto Alegre, a exposição integrou a programação do 7° FestFotoPOA, na Usina do Gasômetro (Avenida Presidente João Goulart, 551), em cartaz entre outubro de 2013 e maio de 2014.

A exposição Gênesis é organizada em cinco seções, priorizando os diferentes ecossistemas visitados:

#### Planeta Sul

Paisagens da Antártica, englobando a Península Valdés, as Ilhas Malvinas, o arquipélago Diego Ramirez e as Ilhas Sandwich. É o habitat de pinguins, leões marinhos, baleias, albatrozes, pétreis-gigantes e cormorões.

#### **Santuários**

Ilhas Galápagos, Nova Guiné, Sumatra e Madagascar. Paisagens vulcânicas, populações anciãs e a peculiaridade da fauna intocada dão o tom da amostra.

#### África

Vida selvagem do continente em países como Botswana, Ruanda, Congo e Uganda, além de Tribos da Etiópia e do Deserto Kalahari. Fazem parte da seção os desertos da Líbia e da Nigéria.

#### Terras do Norte

Extremo norte da América e da Rússia. Além dos ursos polares, se destacam os registros da tribo Nenet, no norte da Sibéria, que resiste às mais baixas temperaturas do planeta.

#### Amazônia e Pantanal

Diversidade biológica. Além da flora e da fauna exuberantes, tribos isoladas, do Pantanal à região do Rio Xingu.





# Melhoria nos transportes e mudanças culturais

(Adamo Bazani)

Poder público e formadores de opinião ainda devem muito quando o assunto é conscientizar sobre as necessidades de uma postura mais coletiva na sociedade







Para que as condições de trânsito melhorem, a falta de fluidez nas cidades deixe de ocasionar prejuízos e a qualidade de vida da população se aproxime da ideal, não resta dúvida: o transporte coletivo precisa receber investimentos e prioridade no espaço urbano.

O Brasil é pioneiro numa das principais soluções de mobilidade urbana adotada em todo o mundo: os corredores de ônibus BRT, que incorporam uma série de avanços na forma de transportar o cidadão e também qualificam urbanisticamente a área onde estão instalados. Assim, pode-se dizer que o País seria completo para melhorar os deslocamentos diários de sua população.

A indústria oferece ônibus urbanos modernos, confortáveis e econômicos para as operações de BRT, que são inclusive exportados para diversas partes do mundo. Há engenheiros e planejadores de transportes que, além do conhecimento técnico, possuem a flexibilidade que só os profissionais brasileiros têm para contornar cenários diferentes e implantar soluções, mesmo em cidades cujo crescimento desordenado teoricamente deixaria os espaços reduzidos para a criação de novas malhas de transportes, ou cujos cofres possuem orçamento bem limitado. Mas então, por que na prática todas estas vantagens do Brasil não conseguem melhorar a mobilidade das pessoas?

Há vários entraves e um dos núcleos deles reside em questões culturais arraigadas e que precisam ser mudadas. A verdade é que por trás da sociedade que cultua o carro, das políticas que mais se baseiam em votos do que em ações eficazes e da inércia do poder público, está a falta do pensamento no bem coletivo.

Durante as coberturas mais recentes sobre trânsito e transportes pela Rádio CBN de São Paulo e pelo Blog Ponto de Ônibus, me chamou muito a atenção o posicionamento de alguns comerciantes em protestos contra algumas faixas

de ônibus implantadas pela Prefeitura de São Paulo e as manifestações que fizeram com que uma avenida, a Nossa Senhora do Sabará, na zona Sul, fosse excluída do projeto municipal de realinhamento de vias para a implantação dos corredores.

Os comerciantes alegam que a presença dos espaços para ônibus prejudica seus negócios pelo fato de impedir que os clientes possam estacionar na porta de seus estabelecimentos. É óbvio que os comerciantes devem ter suas razões ouvidas e respeitadas. Mas o que se percebe de uma maneira geral em todo o País é que o discurso de mobilidade é muito bonito e defendido por todos, até que cada um tenha de ceder mesmo que um pouco em prol da coletividade. O mesmo ocorreu com o metrô previsto para passar em Higienópolis, também na Capital Paulista, cujo projeto de uma estação fez com que moradores reclamassem.

Toda a obra para o bem coletivo necessita de intervenções que podem provocar mudanças no cenário viário, reduzindo o espaço dos carros e gerando desapropriações. A luta pelo pagamento de valores justos nessas desapropriações é legítima, assim como readequações na operação de faixas para ônibus.

No entanto, o que se percebe é que as pessoas defendem mudanças para os outros, mas não querem sair de sua zona de comodismo, mesmo que esta não seja a condição ideal para as cidades. Como profissional de comunicação e jornalista que acompanha a área de transportes, posso afirmar com toda a certeza: além de bons projetos e bons ônibus, a mobilidade nas cidades só vai melhorar com a mudança de comportamento social. Isso, no entanto, requer tempo e muito trabalho. Talvez até mais que o necessário para se construir corredores de ônibus ou linhas de metrô pesado. Poder público e formadores de opinião que deveriam dar passos nesta direção têm falhado ou até mesmo são seduzidos por esta cultura de individualidade.

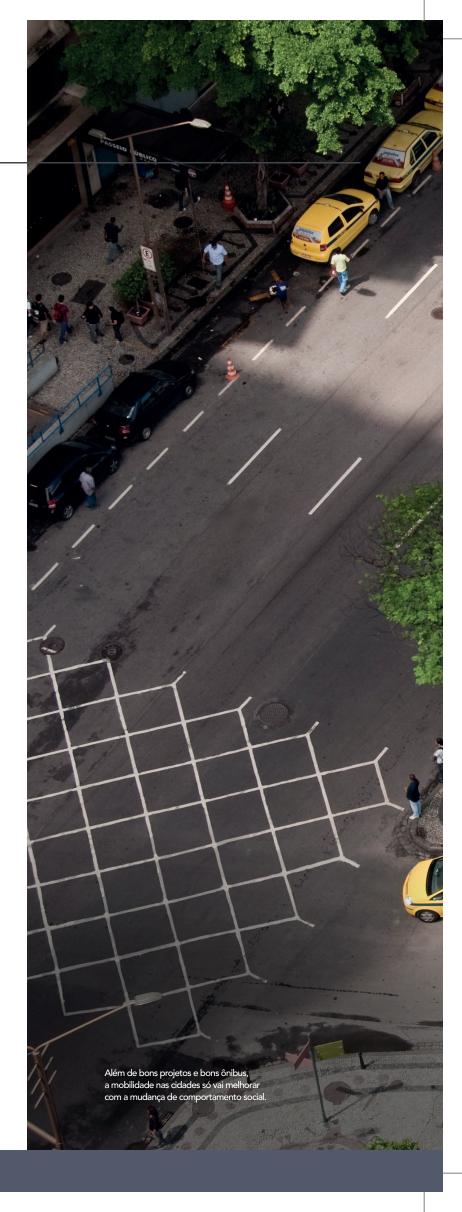
Em um primeiro momento, pode parecer que essas questões são muito conceituais e subjetivas, mas na realidade elas são extremamente concretas. O fundo cultural da sociedade é o que pode acelerar ou frear o crescimento de uma cidade. Se muitos formadores de opinião e administradores públicos não se empenham como deveriam nesta transformação, cabe à sociedade, aos profissionais de comunicação, às empresas do setor de transportes e à indústria fortalecer o debate e fazer sua parte.

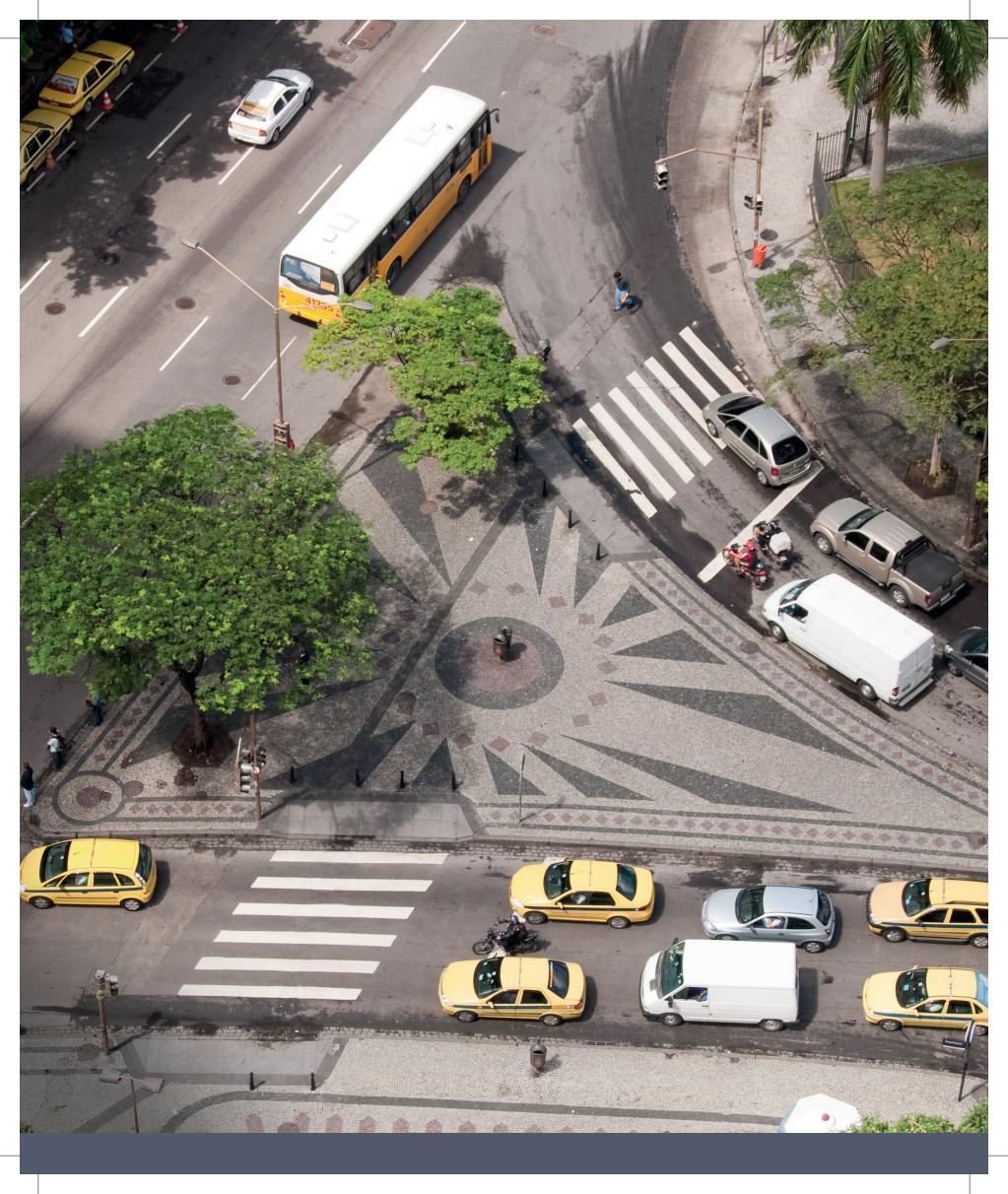
Não adianta apenas a indústria querer vender produtos sendo que todo o avanço que desenvolveu é impedido de ir para as ruas. É certo que as fabricantes de ônibus e transportadoras têm trabalhado neste aspecto, mas é preciso mais. Algumas ações importantes nesse trabalho são campanhas populares que mostrem a importância da coletividade e do uso do transporte público, fóruns com líderes comunitários e pessoas que têm influência sobre determinados grupos, além de levar o assunto a produtos mais populares da mídia, como programas de TV e rádios.

Muitos reclamam dos políticos brasileiros, e com razão. Mas esta cultura de individualismo é o que rege câmaras, senado e executivos de uma maneira geral. Os políticos pensam em votos. Para isso, trabalham para agradar seus redutos eleitorais. Daí a explicação do projeto dos corredores ter dificuldade em tramitar na Câmara Municipal de São Paulo, dos táxis serem liberados em corredores e agora em algumas faixas na Capital Paulista e de tantos traçados de BRT e metrô serem alterados em todo o País. Se estes políticos forem cobrados por uma população consciente do bem coletivo, eles vão mudar de postura. Afinal, precisam de votos, são empregados desta população.

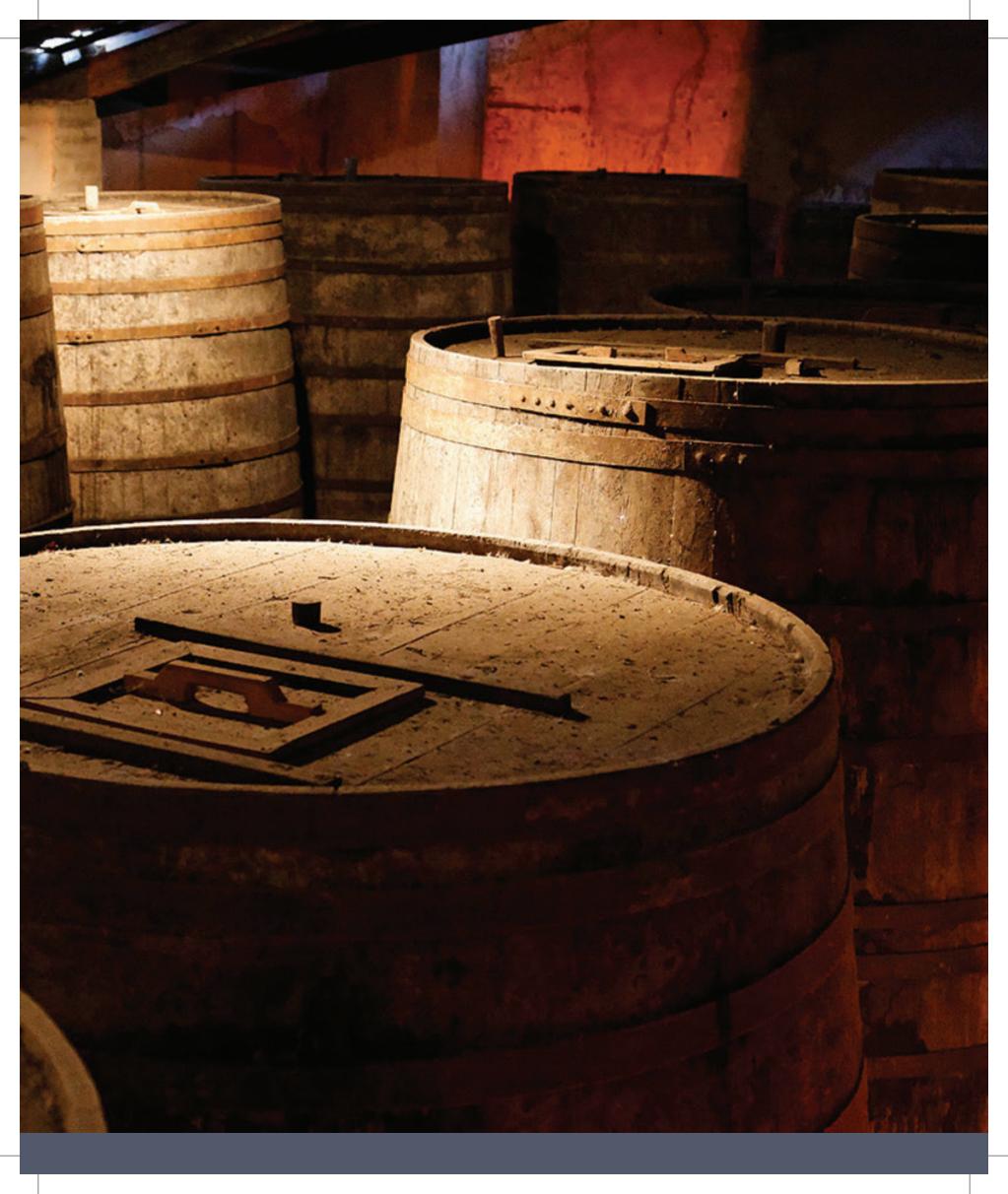
A sociedade deve ser conscientizada de fato de que se cada um abrir mão de um pouco, seja em relação a uma obra de transportes ou mesmo reduzindo as viagens de carro, todos ganharão de todas as maneiras. E aí está o segredo: quando a coletividade vai bem, o indivíduo também possui uma condição melhor.

Adamo Bazani, jornalista da Rádio CBN, especializado em transportes.











A cachaça é um dos exemplos gloriosos de um Brasil que se empenha em ascender das commodities no mercado externo. Maior produtor mundial de cana-de-açúcar, nosso país é também o primeiro na produção de açúcar e etanol, sendo responsável por mais da metade do açúcar comercializado no mundo. E crescendo sempre: dados do Ministério da Agricultura mostram que 47,34 milhões de toneladas de cana deverão ser colhidas até 2018/19, um aumento de 14,6 milhões de toneladas em relação ao período 2007/08. Para as exportações, o volume previsto é de 32,6 milhões de toneladas para 2019. Números grandiosos que

não intimidam os artesãos da cachaça brasileira. Eles são a cereja do bolo, participando no mercado internacional com o produto final da cana, de alto valor agregado. O caminho foi aberto há 15 anos pelas grandes empresas e passou a ser trilhado por pequenos fabricantes, que se esforçam para vencer os entraves burocráticos, tributários e alfandegários inerentes à operação. O estímulo vem da aceitação mundo afora. As classes de maior poder aquisitivo descobriram o sabor peculiar dessa bebida genuinamente brasileira e se dispõem a pagar por ela – uma garrafa, por exemplo, pode custar cerca de 100 dólares.



### Spirits selection

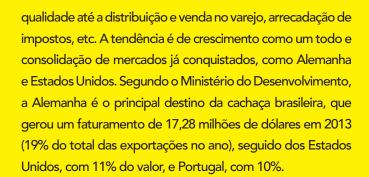
As exportações de cachaça ainda correspondem a um ínfimo 1% da produção nacional – estimada em 1,3 bilhão de litros/ ano, somando industrial e artesanal –, mas os fabricantes já contam com forte apoio de órgãos setoriais, como o IBRAC (Instituto Brasileiro da Cachaça) e a Apex-Brasil (Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos).

Em junho, acontecerá em Santa Catarina, pela primeira vez, a Spirits Selection, o prestigiado concurso mundial de

destilados, que tem sede em Bruxelas. "Ao longo de dois anos organizamos toda uma estrutura de apresentação da cachaça para o mercado internacional e fomos a campo, participando de feiras importantes e outras ações promocionais. Agora conseguimos trazer para o Brasil esse evento de grande repercussão, a Copa do Mundo dos destilados", explica Carlos Lima, diretor executivo do IBRAC.

O reconhecimento no exterior impulsiona também o mercado interno. Atender a demanda pela boa cachaça faz o país sair ganhando: geração de empregos desde a colheita da cana a profissionais capacitados para a elaboração da bebida de





### Genuína e exclusiva

Outra conquista importante, no ano passado, foi a denominação "cachaça" para o mercado norte-americano – e ficou proibido o uso dessa especificação por fabricantes que não sejam brasileiros. Há décadas que o rótulo das garrafas nos EUA exibia a determinação Brazilian Rum (rum brasileiro), confundindo o consumidor. Já na Alemanha, a cachaça sempre teve identidade própria.

No início deste ano, em pleno Carnaval, a boa nova foi a vinda de 314 empresários de 50 países para conhecerem produtores em diversos estados, através de um projeto da Apex-Brasil. Foram 16 dias com 159 agendas de negócios, seminários e palestras, além de visitas técnicas. Na Serra Gaúcha, a reconhecida Weber Haus não poderia faltar no roteiro e promoveu uma mesa de degustação de seus melhores rótulos para uma delegação dos EUA: "Foi uma oportunidade de termos um feedback do nosso produto, além de conhecer mais sobre as exigências do mercado norte-americano", afirma o diretor Evandro Weber, que aposta crescer 20% só nos EUA em 2014 e aumentar o mix de exportação de dois

para nove rótulos. A Weber Haus também exporta para Itália, Alemanha, China, Irlanda, Canadá, Ilhas Bermudas, França e Japão. Nas terras onde a família de imigrantes alemães alojou-se há quatro gerações, a destilaria opera desde 1848 e os canaviais são 100% orgânicos. Matéria-prima de primeira e tecnologia moderna já lhe garantiram mais de 30 prêmios, como recentemente no 1º Ranking da Cúpula da Cachaça, em que figurou com três rótulos.

### 1° ranking brasileiro da cachaça

O ranking, realizado também no Carnaval deste ano, em São Paulo, elegeu as 50 melhores cachaças do Brasil, a partir de uma seleção de mais de 1.000 marcas indicadas por cinco mil pessoas de todo o país ao longo de um ano.

O corte final foi de 250 e, depois de analisadas uma a uma, 60 entraram na prova, realizada às cegas entre um júri de 12 especialistas. Predominou a Região Sudeste (onde se concentra 70% do mercado), sendo mais da metade das 50 eleitas originárias de Minas Gerais – o estado é referência na produção artesanal –, inclusive a campeã, Vale Verde 12 anos, de Betim (554,00 reais em uma delicatessen paulista).

O Rio de Janeiro ficou na segunda posição com a Magnífica Reserva Soleira, de Miguel Soleira, e 20% de participação no ranking. O Rio Grande do Sul teve 10% das premiações, e o restante se dividiu entre São Paulo, Espírito Santo, Ceará, Paraíba e Paraná. Você pode conferir o ranking completo no site do Estadão, que o divulgou com exclusividade:

www.tinyurl.com/rankingcachaca

### Envelhecimento em madeira nativa

Desde o período colonial, a cana-de-açúcar é uma das principais culturas da economia brasileira, e foi com os escravos, nas fazendas do Nordeste, que começou a crescer.

A cachaça tem origem no caldo da cana, transformado em mosto e depois destilado, com teor alcóolico entre 38% e 48%. A cachaça artesanal é destilada em alambique de cobre nas pequenas propriedades rurais, envelhecida em madeiras nativas por períodos que podem chegar a até 12 anos.

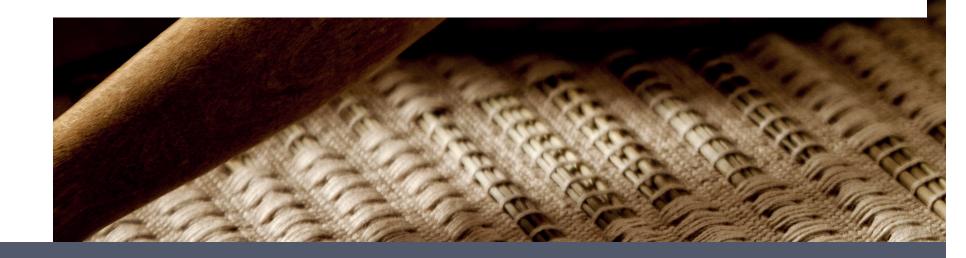
A reportagem do Estadão sobre o ranking da cachaça mostrou que um caminho para a evolução do mercado seria um estudo do papel das madeiras no envelhecimento da bebida – são 24 tipos catalogados e aprovados no Brasil – e a padronização dos rótulos. Informações básicas serão bemvindas, como se foi envelhecida, por quanto tempo e em

que tipo de madeira, se foi armazenada em inox ou tonéis de madeira e por quanto tempo. Mesmo que a legislação defina claramente a classificação Envelhecida, Premium e Extra Premium, muitas vezes as especificações não aparecem completas no rótulo.

As madeiras predominantes no envelhecimento da cachaça são o bálsamo (confere aroma de especiarias, em especial o anis estrelado); a umburana (muito aromática, promove cor e um toque adocicado de canela à bebida que ficar mais tempo descansando); o jequitibá rosa (a que menos pronuncia aromas e cores); e o carvalho (típica coloração âmbar nas bebidas mais velhas e notas de baunilha).

A prova da Cúpula da Cachaça revelou boa avaliação visual para a maioria das marcas – significa domínio dos produtores para filtrar e engarrafar a bebida. Mas o que mais impressionou os juízes foi a qualidade e a diversidade.

Está cada vez mais gostoso brindar com uma caipirinha!











O futuro só poderá ser mudado com a educação e o exemplo. Para que o futuro novo cidadão brasileiro tenha consciência da necessidade do transporte coletivo e também da importância da preservação ambiental, é preciso começar desde já com uma política governamental que transforme a nossa realidade, para que possamos ter um cenário melhor nos próximos anos.

Se os nossos filhos fossem para a escola em veículos coletivos com emissão zero ou quase zero estaríamos dando um grande passo para a conscientização e formação de uma sociedade brasileira mais aberta ao coletivo e mais preocupada com o meio ambiente.

Justamente agora, quando a presidente Dilma Rousseff anuncia mais 3,8 bilhões de reais em investimentos na área de mobilidade urbana - e que fazem parte dos 143 bilhões de reais já previstos para o PAC Mobilidade Urbana - por que não criar um programa, como PAC Equipamentos ou tantos outros, que institua que todo veículo de transporte escolar urbano deverá ser híbrido, elétrico ou com algum combustível alternativo?

Pode parecer utopia, mas não é. O governo brasileiro investiu nos últimos quatro anos alguns bilhões de reais no programa Caminho da Escola, que mudou o cenário do interior da nação e para o qual foram produzidos mais de 50 mil veículos. Esses ônibus passaram a realizar o transporte de estudantes na zona rural brasileira, que antes não conseguiam chegar às escolas porque iam a pé, de carroça e outros meios precários ao longo de várias horas, e permitiu que esse tempo fosse aproveitado para o estudo.

Há mais de quatro anos as montadoras brasileiras já apresentaram veículos 100% elétricos, híbridos e com combustíveis alternativos. Em razão de viabilidade econômica, não saíram da fase de protótipo e teste. Mas a sua produção em série poderia acontecer quase imediatamente se houvesse, por exemplo, um programa para o transporte escolar urbano cujo edital obrigasse a empresa vencedora a fornecer veículo elétrico, híbrido ou alternativo.

Enquanto isso não acontece, vamos formando cidadãos cuja prioridade é o transporte individual e nenhuma consciência ambiental. A recente divulgação da Pesquisa de Mobilidade da Região Metropolitana do Metrô de 2012 mostrou que, na Grande São Paulo, nos últimos cinco anos, os carros e as motocicletas voltaram a ter maior participação no total de viagens realizadas, em detrimento do transporte público, entre 2007 e 2012. Isso demonstra que as pessoas, cada dia mais, trocam o transporte coletivo pelo individual, ou o ônibus pelo carro e moto, apesar dos congestionamentos e da poluição.

Na Grande São Paulo, o transporte individual subiu 21% e passou de 11 milhões para 13,6 milhões de viagens diárias. O total de viagens da região, incluindo a pé e de bicicleta, cresceu 15%, totalizando 43 milhões por dia. Nesse universo, o transporte coletivo cresceu 16%, de 13,9 milhões para 16,1 milhões de viagens por dia – um total de 29,7 milhões de viagens motorizadas.

Mais que uma constatação, os números comprovam que o que estamos plantando é o fomento ao transporte individual e ao caos maior no trânsito, seja em São Paulo, em Porto Alegre ou em Caxias do Sul. Como esperar que um pai ou uma mãe eduque seus filhos a utilizarem o transporte coletivo, se eles próprios não acreditam?





## De Belo Horizonte para o mundo

(Vera Moreira)

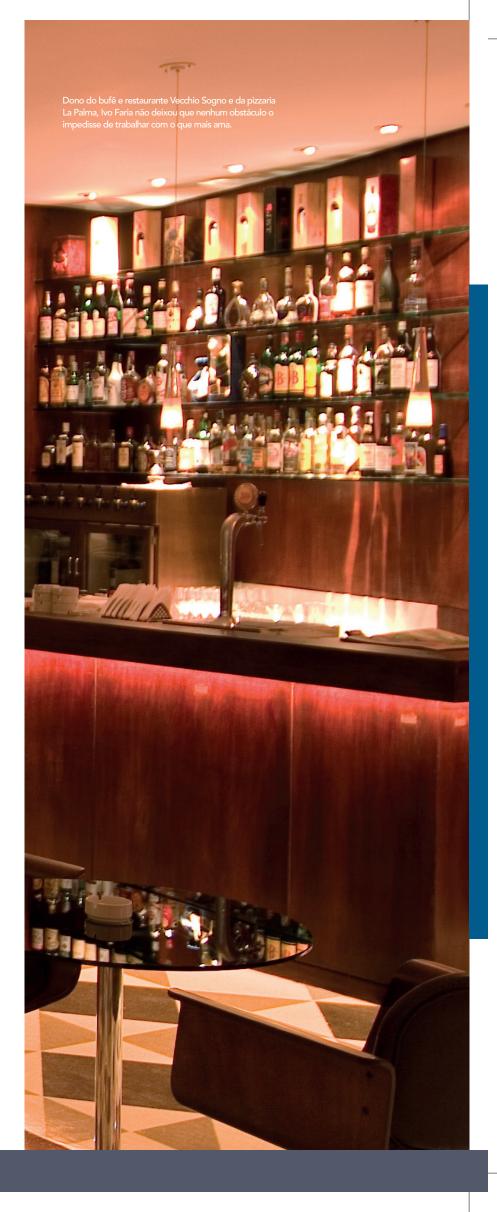
Sede de conhecimento e muita determinação no trabalho fazem da carreira do chef Ivo Faria um exemplo de empreendedorismo



Ivo Faria é dessas pessoas com raro talento para extrair o melhor da vida com o que ela tiver a oferecer. Nascido em uma família de poucos recursos, perdeu o pai ainda criança e aos 14 anos precisou ir à luta. Escolheu o curso para garçom do Senac, pois oferecia passagem de volta para casa. Mas a cor da pele se revelou uma dificuldade extra naquela década de 60: "Garçom era para brancos e de boa aparência. Morenos e negros eram direcionados para o curso de cozinha", conta. Ele topou e, já no primeiro ano, se entregou de coração ao ofício. No segundo ano, o Senac fechou a unidade em BH e transferiu a turma para Barbacena, a 170km. Ivo não hesitou e antes mesmo de concluir os três anos do currículo foi contratado como professor assistente. De lá até hoje, o chef coleciona passagens inspiradoras para qualquer empreendedor.

Atualmente dono de três operações bem-sucedidas em BH – o bufê e o restaurante de alta gastronomia Vecchio Sogno, que tem uma adega modelo para 5.000 garrafas (sua carta de vinhos já foi citada pela revista Wine Spectator com o Award of Excellence, concedido às melhores do mundo) e o La Palma, um misto de restaurante e pizzaria com 168 lugares – Ivo agarrou firme cada oportunidade que teve e a desdobrou. Queria aprender sempre mais e foi se impondo no cenário gastronômico, quando ser chef no Brasil ainda não tinha a importância e o status adquiridos a partir da década de 90. Estudou francês, nutrição e dietética, fez vários cursos de culinária e administração de restaurantes, estagiando no país e no exterior. O ápice da sua formação aconteceu no renomado Centro Internacional de Glion, na Suíça.

De volta a BH, trabalhou no extinto Bar e Café São Jorge, destacado restaurante francês da capital nos anos 70. Depois chefiou duas cozinhas industriais da empresa alemã Krupp. E por mais de uma década comandou a área de alimentação da rede Delikatessen Alpino, desenvolvendo montagem e administração de 14 casas, entre bares, cafés, cervejarias e restaurantes, supervisionando vários outros chefs. "Em cada trabalho que entrava, queria conhecer e participar de tudo e acabava dominando", afirma.





### Comida de quintal

Cruzar o oceano se tornou rotina para o chef, que ao longo da carreira se lançou por diversos países ministrando cursos e palestras, realizando eventos e jantares, como na última Feira do Livro de Frankfurt, na Alemanha. Ainda no ano passado, mais uma oportunidade singular surgiu com o Madrid Fusión, na Espanha, disputado evento internacional de gastronomia, em que o Brasil foi o país homenageado através do estado de Minas Gerais. O governo se mobilizou e 2 milhões de reais foram investidos (150 mil reais do estado e o restante pela iniciativa privada), conforme declarou na época o governador mineiro, Antônio Anastasia, à revista Prazeres da Mesa. "Eu senti que era um movimento forte e, por ter um nome influente no mercado, me envolvi na rede de apoio ao projeto do governo. Fizemos também várias reuniões para eleger uma delegação de 15 chefs que viajaria

a Madri", conta Faria. A participação mineira foi marcante e a palestra que o chef Ivo ministrou, junto com o colega Rafael Cardoso, emocionou a plateia. Por quê? "Acho que tocamos as pessoas mostrando o início de tudo, desde os tropeiros até a formação das pequenas cidades com nossa comida de quintal. Foi uma necessidade plantar jiló, quiabo, couve, almeirão, ora-pro-nóbis, milho e goiaba, além de construir chiqueiros e galinheiros para criação de porcos e galinhas. Comia-se o que havia no quintal e o que não se tinha, se trocava com o vizinho", explica Faria, que preparou um jiló envolto em pele de porco e recheado com linguiça e um molho a base de queijo Minas.

O público foi seduzido por esse sabor de tradição, o que se revelou, inclusive, uma tendência em todo o 11º Madrid Fusión (evento que já chamou tanta atenção pela cozinha molecular e outras inovações tecnológicas).

### Um fato marcante

"Ter ido para a Suíça. Nunca na vida cogitei uma oportunidade dessas, jamais poderia imaginar que um menino como eu estudaria na Suíça e trabalharia lá como assistente – pois isso também estava no contrato – de feras na cozinha. Consegui a bolsa através de um programa do Ministério do Trabalho e do Senac, que ofereciam vagas em diversas áreas, sendo uma destinada a quem falasse francês. Como não houve candidato qualificado, abriram vagas para cozinha e, então, eu e um colega do Sul, Paulo Abreu, fomos indicados."

### Um desafio

"Com 17 anos fui contratado pelo Senac para dar aulas em Barbacena para uma classe de alunos da FEBEM. Eram todos jovens adultos com mais de 20 anos e eu ainda menor de idade. Eu era franzino, media 1,57m, e aquela turma tinha um passado de abusos e violência nas costas. Só consegui me impor porque tive o exemplo do meu professor francês Lucien Iltis, que comandou a cozinha do Hotel Copacabana Palace e da Presidência da República no governo de JK. Era um profissional de grande capacidade e um homem de fala escassa que me ensinou muito. Quando ele se aposentou por problemas de saúde, eu passei a visitá-lo toda a semana e, então, ele se abriu para conversar. Foi meu guru."



Ao receber o convite para relatar minha experiência gastronômica no Restaurante Vecchio Sogno, fiz a correlação com as viagens que faço, pois sempre procuro conhecer a culinária local. Hoje em dia tenho claro que a minha preferência é pelos pratos franco-italianos das regiões do Sul da França e da Toscana.

Eu e minha esposa somos frequentadores antigos do Vecchio Sogno. Acompanhamos a trajetória do Chef Ivo há bastante tempo. O ambiente e os pratos são sensacionais, a carta de vinhos é excelente, os garçons são super simpáticos e o proprietário Ivo Faria é premiadíssimo e merece o sucesso alcançado. Nosso jantar teve como entrada Anéis de Lula na Manteiga, além dos pratos principais Gamberi Alla Grappa e Rigatoni Alla Carbonara con Gamberi, acompanhados de um vinho Chardonnay (Branco) Fontemorsi Tresassi da região Toscana. A sobremesa foi Crème Brûlée, uma excelente escolha. O jantar estava incrível. Impossível não sair de lá super satisfeito.

Julio Cézar Diniz (Diretor da empresa Rouxinol Turismo) e esposa Hilda Maria Oliveira.









### Involtini de Parma com Caprino e Folhas

### Ingredientes (10 pessoas)

1 pé de alface crespa

2 pés de frizes

½ maço de rúcula

½ pé de alface americano

1 pé de radicchio

1 maço de salsa comum

200g de queijo de cabra fresco

40ml de creme de leite

150g raiz de funcho (cubos pequenos)

150g de pera (cubos pequenos)

1 unidade de manga haden (cubos pequenos)

Fatias de presunto Parma (fatiado longo)

Limão a gosto

Azeite extra virgem

Aceto balsâmico reduzido com açúcar ou mel

### Modo de Preparo

- 1. Rasgar as folhas maiores em 4 pedaços.
- 2. Fatiar o presunto Parma em lâminas finas e dispor 5 fatias longas uma ao lado da outra, sobre um plástico.
- 3. Dispor as folhas sobre o Parma, colocar o queijo caprino amolecido com o creme de leite formando um bastão cilíndrico e colocar sobre as folhas.
- 4. Enrolar as fatias de Parma fazendo rolos de 7 cm de diâmetro.
- 5. Cortar cada porção em 8 cm de altura.
- 6. Fazer um vinagrete com a raiz de funcho, a pera e a manga cortados em pequenos cubinhos com azeite e limão.

### Montagem

- 1. Quadricular o prato com redução de aceto balsâmico.
- 2. Colocar o involtini de Parma no centro, o vinagrete ao lado.







## Cheesecake com Caramelo

### Ingredientes

200g de biscoito maisena triturado
150g de chocolate ao leite derretido
50g de manteiga (temperatura ambiente)
480g de queijo cream cheese
100g de açúcar
200g de chocolate branco
20g de açúcar
200g de creme de leite aquecido
1 dose de licor de laranja
Suco de ½ laranja
Raspas de ½ laranja
4g de gelatina incolor
1 aro com 20cm de diâmetro por 5cm
de altura

### Modo de Preparo

- 1. Misture bem o chocolate preto e a manteiga no biscoito triturado.
- 2. Coloque o aro dentro de um tabuleiro. Pressione esta mistura na lateral e no fundo do aro. Reserve na geladeira.
- 3. Hidrate a gelatina com o suco de laranja, ponha em banho-maria e mexa até que esta fique líquida.

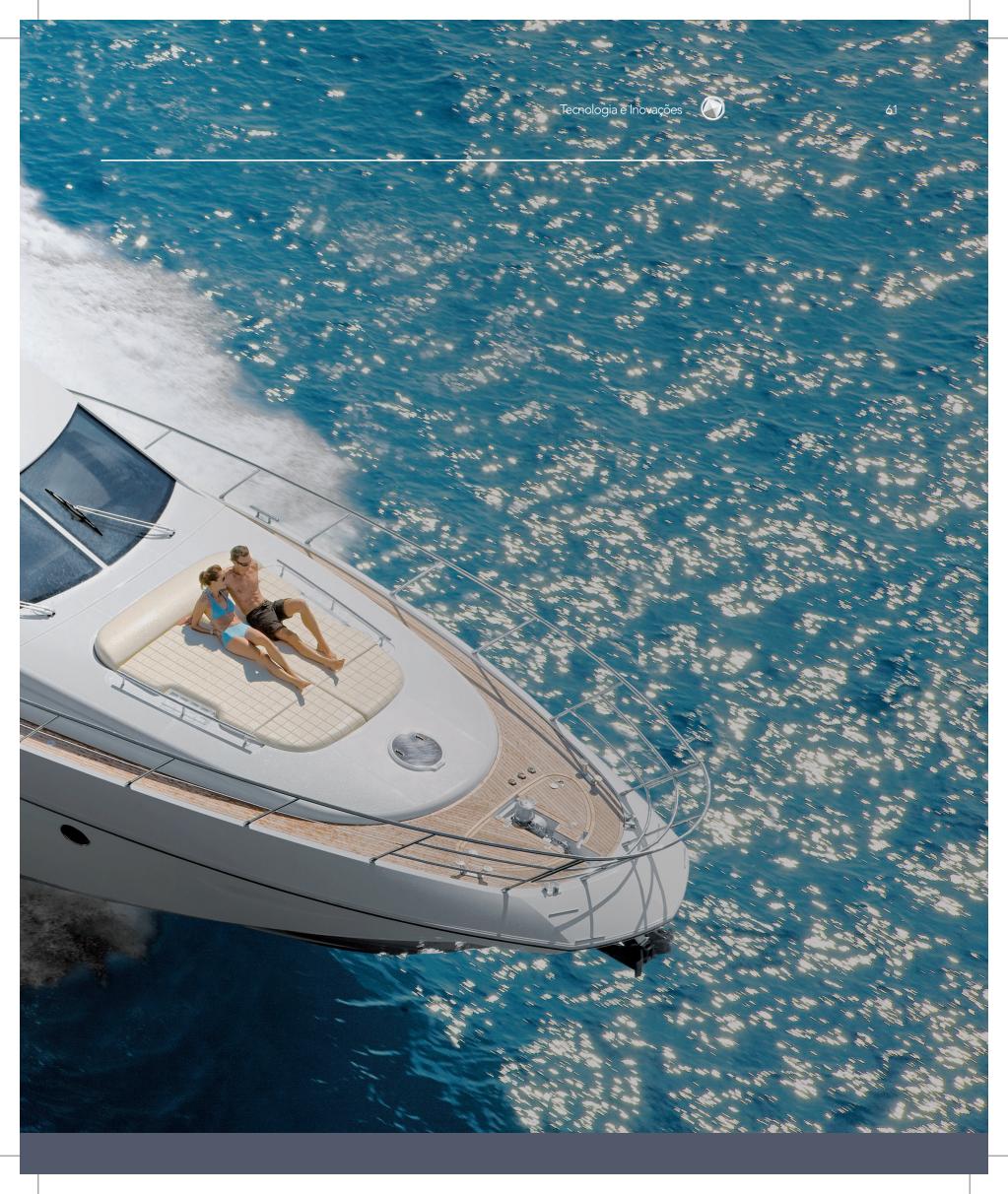
### Recheio

- 1. Junte os 100g de açúcar com o queijo cream cheese e leve à batedeira, batendo por 3 minutos.
- 2. Com o batedor manual misture o licor, a raspa de laranja e a gelatina.
- 3. Coloque este creme dentro da base de biscoito. Deixe na geladeira.

### Cobertura

- 1. Faça um caramelo escuro com os 20g de açúcar, misture o creme de leite e em seguida misture no chocolate branco até derretê-lo.
- 2. Bata este creme até esfriar.
- 3. Cubra o creme de queijo e leve novamente à geladeira por um período de 6 horas.
- 4. Corte em fatias e sirva com calda de goiaba ou framboesa.







Produzido no Brasil desde julho do ano passado, o Azimut 70 representa com louvor a reputação de sofisticação e tecnologia que a Azimut-Benetti detém em todo o planeta. A maior fabricante de iates de luxo do mundo conta com uma filial no Brasil desde 2010, em uma instalação de 16 mil metros quadrados. Localizada em Itajaí (SC), a Azimut Yachts do Brasil também produz os modelos Azimut 43, Azimut 48 e Azimut 60.

Ideal para momentos de lazer, o Azimut 70 conta com quatro suítes e acomoda confortavelmente oito pessoas, além de amplo salão principal, com 2,15 metros de altura, sala de estar, jantar e cozinha. A elegância única também é garantida pela grande luminosidade natural e pela decoração no melhor estilo italiano, com mármore nos banheiros, couro e tecidos delicados, além da alta tecnologia em equipamentos de navegação na cabine principal.

Com 22 metros de extensão, o sentimento de grandeza cresce quando se observa a linha inédita das janelas, de autoria do designer Stefano Righini. Grandes em altura e tamanho, as janelas têm mais de 15 metros quadrados de área e garantem importante iluminação natural a bordo. Das suítes e da sala de jantar, dá para ver a água passando rente ao casco.

### Tecnologia extrema

Com dois motores MAN V12 Commonrail de 1.360 cv cada um, o Azimut 70 é um barco com desempenho excepcional, podendo alcançar 32 nós de velocidade. Como todas as embarcações da Coleção Flybridge, ele está equipado com os mais modernos instrumentos de navegação por satélite, sem falar de equipamentos de visão térmica para viagens noturnas, telefonia via satélite, radar e outros itens do gênero. O modelo conta ainda com capacidade para 4.800 litros de combustível e tanque de água para 1.200 litros.



### Conforto e design único

O grande destaque e diferencial do Azimut 70 é o seu flybridge, de 30 metros quadrados, com uma parte de ré que avança mais do que os convencionais e cobre toda a popa. Isso cria um espaço amplo para convivência ao ar livre e ainda pode abrigar um solário, um bote ou um jet ski.

O grande espaço do cockpit é outro diferencial do Azimut 70, que possui um aconchegante sofá em C e uma mesa de refeições para oito pessoas. Quase metade da área coberta pelo flybridge - 11 metros quadrados – transforma o cockpit em um importante espaço de relaxamento e convivência. A sala de jantar fica em um nível mais alto que o salão principal para que se possa aproveitar, ao mesmo tempo, a visão do mar e a refeição. O conforto estende-se também à tripulação, com camarote para três marinheiros, amplos ambientes e banheiro privativo.

### Por dentro do Azimut 70

O elegante salão principal oferece um grande espaço para convivência, com assentos revestidos em tecidos de decoração Rubelli e móveis de carvalho.

A cozinha fica no outro bordo, isolada do resto do barco. Possui detalhes de sofisticação e os mais modernos equipamentos, inclusive exaustor embutido, ampliando a sensação de estilo, conforto e elegância.

O comando da embarcação é feito por um joystick, o que torna mais fácil as manobras de navegação e a fase de ancoragem. O banheiro do armador, valorizado pelo acabamento em mármore, é completo: conta com box para chuveiro, coluna de hidromassagem e tratamento de cromoterapia. Os outros banheiros – da cabine VIP e dos hóspedes – também são elegantemente decorados.

A cabine VIP possui armário com porta retroiluminada e vários compartimentos de armazenagem, gavetas e prateleiras de abertura basculante. As duas suítes dos hóspedes são cabines gêmeas e equipadas com duas camas paralelas, com escotilha dupla. Também são decoradas com extremo estilo e receberam tecidos e aplicações de couro.

No centro da embarcação, a suíte principal estende-se por toda a largura, com duas janelas panorâmicas que podem ser abertas para melhor circulação natural de ar. Elas permitem uma iluminação natural para todo o quarto, que possui copa com penteadeira integrada e uma cômoda com porta-objetos na parte superior. São generosos 15 metros quadrados de conforto e sofisticação.

### Azimut-Benetti

Com filial própria na cidade de Itajaí (SC), o Grupo Azimut-Benetti é a maior rede de produção de megaiates e o primeiro grupo particular no mundo no setor náutico de luxo. A produção segue o padrão do Grupo Azimut-Benetti na Europa, com destaque para as embarcações a partir de 43 pés e, agora, até 70 pés. O lançamento do novo modelo deve-se à tendência do consumidor brasileiro por barcos cada vez maiores e adequados à navegação nos mares e costas brasileiras.

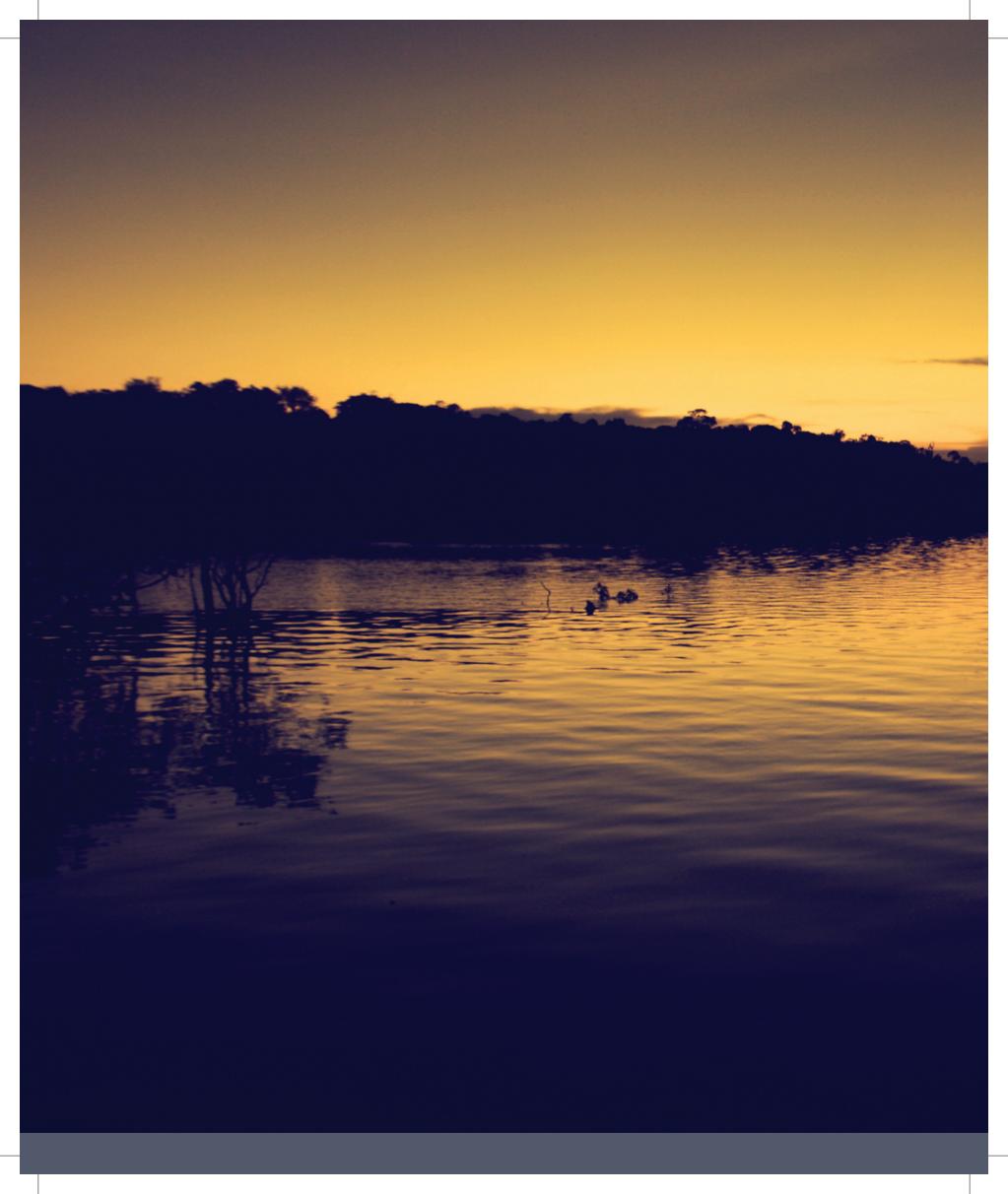


### Características técnicas

Comprimento total (incluindo mesa de comandos): 21,62 m (70' 11") Comprimento do casco (incluindo plataforma de banho): 21,62 m (70′ 11″) Largura do vau: 5,56 m (18' 3") Imersão (incluindo hélice, com carga total): 1,63 m (5' 4") Deslocamento (com carga total): 45.2 t Motorização: 2 x 1360 mHP (1000 kW) MAN V12 Common Rail Velocidade máxima (carga de prova): 33.5 kn

Velocidade de cruzeiro (carga de prova): 27 kn Reservatórios de combustível: 4800 l (1268 U.S. Gal) Cabines: 4 + 2 Lugares da camas: 8 + 2 Serviços: 4 + 1 Material de construção: VTR/GRP Exterior styling & concept: Stefano Righini Interior designer: Carlo Galeazzi





6

## Natureza pura e plena

(Mari Campos)

Do encontro das águas poderosas do Negro e do Solimões ao contato cotidiano com a fauna, a flora, a mata e as populações ribeirinhas, uma fascinante jornada pelos meandros da Amazônia brasileira

Viagens

Foram quase 3 horas de viagem desde o aeroporto de Manaus em barco, carro e lancha para chegar ao hotel. Mas as horas passadas em trânsito não foram, de nenhuma maneira, desperdiçadas: antes de seguir viagem rumo aos confins amazônicos, pudemos ver o belo teatro de Manaus (joia arquitetônica do final do século XIX) e testemunhar o fascinante "encontro das águas", em que as águas lamacentas do rio Solimões correm lado a lado com as águas quase pretas do rio Negro antes de formarem o gigantesco rio Amazonas.

Foi do próprio barco que nos levava pelo último trecho que pudemos ver, extasiados, os bangalôs sobre palafitas do hotel surgirem em meio às árvores imensas da Floresta Amazônica que margeiam o belo rio Juma ao final da jornada. Numa região literalmente remota ("onde exatamente estaremos nós?", me perguntou uma italiana depois que o barquinho tinha percorrido o rio por tanto tempo sem que víssemos nada além de mata e água) e surpreendentemente bem preservada, eu e turistas vindos da Itália, da Suécia e da França chegávamos, enfim, ao Juma Lodge.

Localizado em um lago natural do rio Juma e pertencente ao município de Autazes, ali não há nenhum luxo, de nenhum tipo. O serviço, com um staff 100% local, é cálido mas sem frescura, e o conhecimento de inglês e outras línguas estrangeiras é bastante rudimentar. A comida caseira servida no almoço e no jantar não chega a ser um destaque, mas é bem regional, servida quentinha e pontualmente nas grandes mesas comunais do restaurante, também sobre palafitas (estilo buffet, com direito a arroz e feijão e muitas receitas à base de mandioca, o grande motor da economia local).

Preocupado em ser 100% ecológico e sustentável e não agredir em nada o ambiente que o rodeia, o hotel não tem sequer água quente nos quartos – no calorão úmido que faz por lá durante o ano todo, a ducha fria não chega a ser um problema. Quatro cabanas mais novas, de categoria mais elevada, contam agora com água aquecida por painéis solares, numa tentativa de investir no uso desse tipo de energia por ali.

Mas ali eles entendem como poucos, verdade seja dita, a ideia da exclusividade: são apenas vinte cabanas com vista para a floresta ou para o lago do rio Juma, todas construídas sobre palafitas a 30 metros do solo e interligadas por passarelas de madeira, também sobre palafitas, que se movem graciosa e naturalmente enquanto os hóspedes caminham sobre elas. E não há nada, exceto pela presença constante de araras, macacos e tucanos no local, nem ninguém ou qualquer construção nos arredores. Nem TV, celular ou internet. Natureza pura e plena.

### Mata adentro

O contato com os animais ali é intenso o tempo todo. Macacos, pássaros (incluindo araras e tucanos) e os adoráveis botos cor-de-rosa são presença constante nos limites do hotel – os botos frequentemente brincam dentre as palafitas que sustentam as cabanas nos finais de tarde e os macacos são figurinha fácil durante as refeições no grande restaurante de mesas comunais (que favorecem a boa interação entre os hóspedes), sobretudo durante o café da manhã.

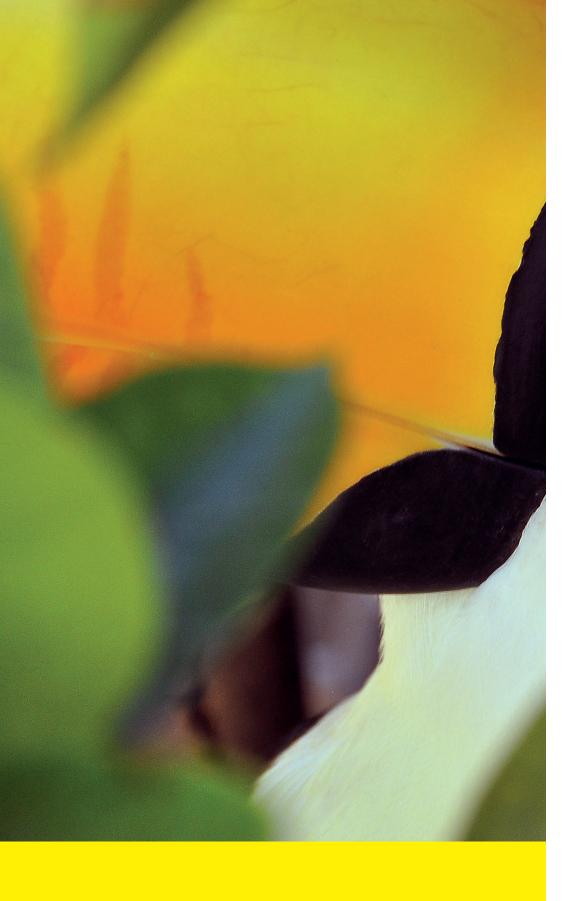


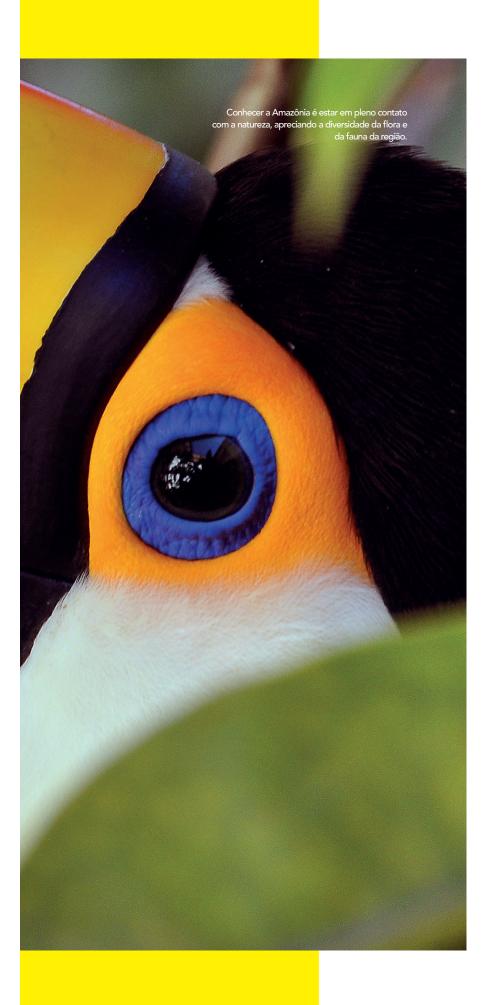


Dentre as atividades principais, todas incluídas na diária do hotel, estão passeios em grupos pequenos, de dez ou doze pessoas cada, em canoa ou voadeira para visitar comunidades ribeirinhas e indígenas, trekkings, a divertida pescaria de piranhas (com linha, uma lasca de madeira presa na ponta e um pedacinho de carne crua no anzol na outra extremidade) e até pernoite na floresta, dormindo numa rede (para os mais corajosos e dependendo das condições meteorológicas).

Logo na primeira noite, após o jantar, deixamos o hotel num barquinho de pescador enquanto a luz da lua cheia e brilhante nos ajudava a diferenciar na penumbra águas, mangue, mata e céu. Sapos podiam ser ouvidos o tempo todo e pássaros ocasionalmente cruzavam o céu sobre nossas cabeças enquanto nosso guia, Robson, mantinha os olhos grudados nas margens do rio.

Com uma lanterna pequena, passava o feixe de luz de um lado do rio para o outro, incansavelmente, até que ela, enfim, refletiu um par de olhos muito, muito brilhantes. Em silêncio, o barco se aproximou da margem e, com cuidado, Robson segurou o animal com as duas mãos (a luz o hipnotiza e o deixa momentaneamente fácil de ser capturado) e o trouxe para dentro do barco, dando a todos a oportunidade de tocálo e sentir sua respiração tensa por baixo do couro grosso enquanto nos contava sobre suas características e curiosidades – antes de devolvê-lo, são e salvo, às escuras águas do Juma. Estávamos participando da tradicional "focagem do jacaré", uma das atividades mais procuradas pelos turistas que visitam a Floresta Amazônica.





### Gente da floresta

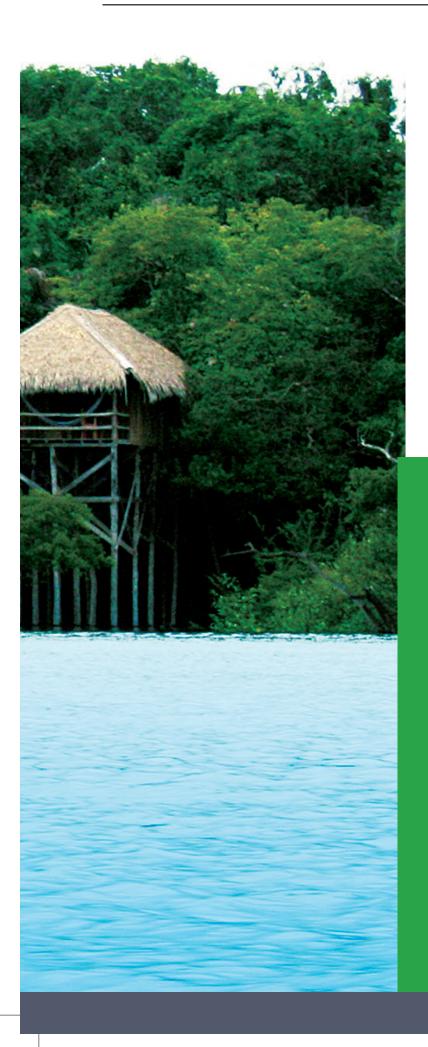
Os dias começavam com uma prazerosa caminhada na mata para observar aranhas de todos os tamanhos, pássaros e insetos, testemunhar a grandeza de gigantescas Samaúmas (consideradas as maiores árvores da Amazônia, algumas com mais de 300 anos e 40 metros de altura) e aprender sobre o uso (ou o perigo) de algumas plantas endêmicas enquanto o sol nascia e enchia a floresta de luzes e cores.

Como é de praxe na Amazônia, ali a chuva densa e barulhenta chega quase todos os dias de repente, sem avisar, e escurece a mata e as águas do rio - e como mágica, pode desaparecer por completo quinze minutos depois, dependendo da época do ano. Ouví-la de dentro da sua cabana é delicioso e aconchegante, mas às vezes a chuva surpreende o visitante em pleno passeio de canoa por entre igapós e igarapés ou durante um passeio de caiaque que termina com um revigorante mergulho no rio esperando por um oportuno encontro com um boto.

A valiosa integração com as comunidades locais também é prioridade nos passeios: visitamos as populações ribeirinhas e comunidades indígenas próximas e pudemos aprender sobre a produção da farinha de mandioca, a extração de látex das árvores, a utilização do urucum para colorir tudo (da pele às roupas) e a relação tão natural de respeito com o meio ambiente que os rodeia e provê.







### Verde que te quero ver

Valorizado pelas próprias comunidades ribeirinhas que vivem nas redondezas pela seriedade com que encaram o fato de estarem inseridos na maior floresta tropical do mundo, o staff do hotel investe em coleta seletiva de lixo, começa a se aventurar no uso da energia solar e criou uma central de tratamento de esgoto – e, claro, recebeu vários prêmios de sustentabilidade, como o de "hotel sustentável do ano" pelo Guia Brasil 2014.

A construção do hotel sobre palafitas foi necessária para lidar com as épocas das cheias que fazem o nível o rio subir até 15 metros – e todos os materiais utilizados na construção do hotel são abundantes na região e foram cuidadosamente extraídos da própria floresta, como as madeiras das paredes, passarelas e palafitas (de materiais como angelim, itaúba e jacareúba) e as folhas de babaçu utilizadas como telhado.

### Encantos da Amazônia

Nasci no Rio Grande do Sul, na cidade de Pinto Bandeira, mas trabalho e vivo no estado do Amazonas há 29 anos. São muitas as belezas naturais, as curiosidades, as opções, a começar pela maior reserva florestal do planeta, o que chamamos de pulmão do mundo. É na Amazônia que se encontra uma das maiores diversidades de peixes de água doce do mundo. Aqui temos o boto cor de rosa, o tucunaré, o matrinchã, o tambaqui, o pacu, o surubi, e o pirarucu, o maior peixe da região. A diversidade natural é riquissima, a quantidade de minérios, de frutas silvestres, de aves, enfim, é uma infinidade que encanta a todos. Além de desfrutar toda essa natureza, uma parada obrigatória aos moradores e visitantes é o Teatro Amazonas, um marco da época áurea do ciclo da borracha. A gastronomia é outro ponto alto, se tiver a oportunidade, não deixe de experimentar a Calderada de Peixe, típica sopa Amazonense. Por todos esses motivos e pelo espetáculo mais belo de Manaus - o pôr do sol no Rio Negro que essa terra me cativa tanto.

Euclides Paese, Proprietário da Amazônia Representante da Marcopolo.



# O acessório perfeito

(Roberta Gerhardt)

Para lá de elegante, o chapéu pode fazer toda a diferença no seu visual

Muitos homens reclamam que possuem poucas opções de acessórios no seu guarda-roupa tradicional. Apenas os mais ousados descobrem um jeito de dar uma "variada" no estilo, mas as soluções encontradas nem sempre agradam os homens mais tradicionais.

Para dar uma renovada no visual sem abrir mão do estilo, a solução é resgatar um dos acessórios mais antigos e elegantes do guarda-roupa masculino. Criado na Grécia, por volta de 2.100 a.C, o chapéu teve seu nome originado da palavra caput, que significa cabeça em latim. Além da função primária de proteção do sol e do frio, seu uso era sinal de respeito em muitas civilizações.

Foi após a Segunda Guerra Mundial que o uso do chapéu começou a se tornar mais raro entre os homens e muito mais popular entre as mulheres. Elas o utilizavam para o uso na praia, casamentos durante o dia e grandes prêmios de corrida de cavalos.

Assim, passou a ser aceitável a visão de um homem sem chapéu, coisa que antes era praticamente impensável. John Kennedy foi o primeiro presidente a recusar o uso do acessório, tornando-o opcional.

Durante as décadas de 60 e 70, os hippies usavam cabelos compridos como expressão de rebeldia, o que fortaleceu a imagem do chapéu como um acessório impregnado de uma formalidade ultrapassada.

Mas a moda é cíclica - os costumes, o ambiente cultural e político alicerçam a maneira como gostamos de nos apresentar. É por isso que hoje essa visão mudou. O chapéu voltou a ser um item extremamente elegante e recomendado para atualizar looks masculinos.









## Confira os principais modelos de chapéus e escolha o que melhor combina com seu estilo!



### PANAMÁ

Fabricado artesanalmente no Equador desde 1630, a partir da palha da palmeira Carludovica Palmata. Ficou conhecido como Panamá quando a foto do presidente americano Theodore Roosevelt usando um modelo ao visitar o canal do Panamá em 1906 correu o mundo. Há qualificações diferentes para o chapéu segundo a qualidade, o esmero e a delicadeza de seu traçado. Os modelos montecristi e jipijapa estão entre os melhores devido ao número de voltas concêntricas no entrelaçamento da palha existente no fundo da copa do chapéu. É exportado embalado em sacos de algodão ou vendido enrolado em estojos retangulares de madeira-balsa.

O modelo Panamá valoriza - e muito - qualquer look de verão: bermuda com camisa leve ou uma polo colorida, calça de sarja com paletó de linho, terno de linho em tons bem claros... Já nos pés pode-se usar um mocassim de tons claros, uma sandália de tiras grossas em couro, um tênis de couro de excelente qualidade ou ainda um bom e confortável chinelo. Nada de muita formalidade e cores escuras com o Panamá.

O chapéu pode e deve acompanhar o seu dia a dia de trabalho, seja no verão ou no inverno, em momentos formais ou casuais. Aposte!



### **BORSALINO**

De feltro com tira de tecido envolvendo sua base, produzido originalmente na fábrica de Giuseppe Borsalino, na Itália. É perfeito para ocasiões mais formais e no inverno. Resistente e com estilo sóbrio, combina com looks de trabalho – com terno e gravata, com calça social ou mesmo com paletó.



### **FEDORA**

Chapéu de feltro com concavidade na copa, originado na Áustria. O nome foi inspirado no Vaudeville Fédora, do dramaturgo francês Victorien Sardou. O chapéu também é associado ao figurino dos gângsters americanos dos anos 20 e 30. Esse modelo acompanha muito bem um sobretudo de lã e um trench-coat. Lenços e echarpes masculinos podem compor o look, deixando o visual extremamente elegante.



### coco

Seu tamanho é reduzido se comparado a outros chapéus. Com a copa arredondada e abas curvadas, é muito usado no meio artístico, pois foi o chapéu usado por Charles Chaplin em muitos filmes. Fica ótimo em looks mais leves, com coletes, bermudas e shorts. Mas nada de usá-los com jaquetas de couro e calça jeans.



## Indicadores Econômicos

(maio 2014)

### Moedas

MOEDA	COMPRA	VENDA	VAR.%	DATA
Dólar Comercial	R\$ 2,23	R\$ 2,23	-0,04%	07/mai
Dólar Paralelo	R\$ 2,14	R\$ 2,38	0,00%	07/mai
Dólar Turismo	R\$ 2,12	R\$ 2,35	-0,42%	07/mai
Dólar X Euro	R\$ 1,39	R\$ 1,39	0,00%	07/mai
Real X Euro	R\$ 3,11	R\$ 3,11	0,00%	07/mai
Dólar PTax	R\$ 2,23	R\$ 2,23	0,00%	07/mai
Peso Argentino	R\$ 0,28	R\$ 0,28	0,14%	07/mai

### Inflação

DESCRIÇÃO	FECH.	PERIODI- CIDADE	DATA
Índice de Custo de Vida Mês	0,81	mês	14/abr
Índice de Custo de Vida Ano	3,4	ano	14/abr
IGP-DI Mês (FGV)	1,48	mês	07/mai
IGP-M Variação Ano (FGV)	3,35	ano	29/abr
IGP-M Mês (FGV)	0,78	mês	29/abr
INPC - Mês (IBGE)	0,82	mês	07/mai
INPC - Mês (IBGE)	0,82	mês	07/mai
IPC-DI Variação Ano (FGV)	2,51	ano	07/mai
IPCA - Mês (IBGE)	0,92	mês	07/mai
IPCA - Variação Ano (IBGE)	2,18	ano	07/mai

### Investimentos

FECH.	PERIODI- CIDADE	DATA
10,33	ano	07/mai
0,63	mês	08/mai
0,55	mês	07/mai
10,8	ano	07/mai
	10,33 0,63 0,55	10,33 ano 0,63 mês 0,55 mês

### Salário Mínimo

VIGÊNCIA	VALOR MENSAL		VALOR DIÁRIO	VALOR HORA	D.O.U.
01.01.2014	R\$	724,00	R\$ 24,13	R\$ 3,29	29.12.13
01.01.2013	R\$	678,00	R\$ 22,60	R\$ 3,08	26.12.12

### **BNDES Finame**

CLASSIFICAÇÃO	PRODUTO	%FINAN- CIADO	COMPOSIÇÃO DO FINANCIAMENTO	% FINAN- CIAMENTO	CUSTO BNDES	TJLP	SPREAD BANCO
Micro - Pequena - Média empresa*	Finame TJLP	90%	90% do valor do produto	70% de 90%	0,90%	5,00%	A negociar
iviedia empresa				30% de 90%	1,90%		
Média - Grande e Grande empresa**	Finame TJLP	90%	70% do valor do produto	70% de 70%	1,40%	5,00%	A negociar
Grande empresa				30% de 70%	2,40%		
			20% do valor do produto	-	4,00%		

CLASSIFICAÇÃO	PRODUTO	%FINAN- CIADO	CUSTO BNDES	SPREAD BANCO	TOTAL CUSTO
Micro - Pequena - Média empresa*	Finame PSI	90%	3%	3%	6%
Média - Grande e Grande empresa**	Finame PSI	90%	4,50%	1,50%	6%

% aa

\* Micro - Pequena - Média empresa: até R\$ 90 milhões de ROB.

\*\* Média - Grande e Grande empresa: acima de R\$ 90 milhões de ROB.

### **Juros**

DESCRIÇÃO	FECH.	PERIODI- CIDADE	DATA
Taxa de Juros Longo Prazo Ano	5	ano	07/mai
Selic Meta Copom Bacen	11	ano	07/mai
Capital de Giro Bancos 30 Dias	13,87	ano	07/mai

Fonte: CMA, 07 de maio 2014; G1 - GLOBO; Guia Trabalhista